

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The woman is on the left, leaning towards the man on the right. They are both looking at each other with soft expressions. The lighting is warm and intimate, highlighting their profiles. The woman has long dark hair and is wearing a dark strap. The man has short dark hair and a light beard. His hand is gently resting on the woman's shoulder.

A P W I L S O N

TOQUE-ME POR FAVOR

AUTOR DE
CONTOS INDECENTES
PARA GAROTAS CRESCIDAS



Capítulo 1

Nick

“38 graus” destacava o repórter do noticiário local. Seria um dos dias mais quentes na região centro-oeste. Goiânia iria ferver naquele início de primavera e quem saísse de casa deveria carregar consigo garrafinhas de água e procurar manter-se afastado dos raios do sol. Era isso, ou correr o risco de pegar algo a mais que um bronzado maneiro.

A garota acordara estressada, mas não por culpa do clima abafado ou do despertador que apitou às sete horas. Desta vez fora a indiscrição da mãe, que mais uma vez insistira em entrar no quarto sem se fazer anunciar. Ora, será que não compreendia que ela havia se tornado uma mulher? Que há muito deixara de ser a garotinha que precisava ser acordada para ir à escola?

Por que não podia simplesmente dar-lhe espaço? Bater de vez em quando? Chamar pelo lado de fora antes de invadir?

Nick tinha dezenove anos. Pele clara, olhos escuros, estatura mediana, cabelos castanhos ondulados. Estava distante em seus pensamentos, ouvindo os ruídos que vinham da televisão lá na sala, enquanto deslizava as mãos pelo corpo, imersa em seu prazer solitário. Ela estava quase no ápice, apertando os mamilos entre os dedos, massageando o caminho entre as coxas, sentindo prazer ao pensar naquele Deus de braços torneados.

A mãe tinha mesmo que interrompê-la no exato instante de maior excitação? Logo no momento em que o instrutor abaixava o elástico e exibia o membro endurecido, colocando a cabeça rosada tão próxima à sua boca, que chegava a salivar desejando sentir a textura?

Não houve como sustentar a imagem erótica, ela virou-se de supetão quando a porta rangeu, e de costas, tentou controlar a respiração e disfarçar o ofegar.

— *Nick?! —* a mãe disse seguindo diretamente para a janela onde puxou as persianas permitindo que o ar fresco invadissem o ambiente — você vai se atrasar — murmurou olhando ao redor, onde várias roupas estavam jogadas pelo chão.

Em seguida caminhou ao guarda-roupa e de uma gaveta retirou o uniforme da instituição, jogando-o sobre a cama — Precisa de ajuda? — Ela completou observando a filha fazer ceninha para não se levantar.

— Me deixa quieta mãe — murmurou com a cabeça por debaixo do travesseiro — Não quero ir hoje — não estava apenas estressada como depressiva naquela manhã.

— Nada disso Nicole Sabrina. Levante-se agora mesmo — Ela reclamou voltando à porta — Você sabe muito bem que não são todos que conseguem uma vaga. E certamente darão por sua falta — Saiu fechando o quarto, para dar liberdade à garota que deveria se arrumar.

Sem alternativas, Nick tornou a se virar no colchão. De barriga para cima ficou a encarar o teto, pensando na vida, pensando no pior que a vida lhe oferecera. Ela, uma garota de dezenove anos, nunca havia namorado, nunca havia sequer beijado na boca, e por mais que o corpo pedisse, sabia que nunca perderia a virgindade.

Afinal, quem iria querer transar com uma garota como ela? “Quebrada”. Uma garota, “incompleta”?

Sentou-se utilizando a força dos braços para se erguer. Aquilo virara rotina. No colchão havia as marcas dos locais onde sempre apoiava os punhos antes de puxar o peso do corpo.

Nick tinha uma deficiência, ela era paraplégica. Não nascera especial, ficara assim após um acidente de carro aos seis anos, desde então nunca mais andou. Perdera por completo o movimento da cintura para baixo.

Ela ajeitou-se na cama e puxou o lençol para o lado, revelando o restante do corpo seminu. Dormia apenas com uma blusa de estampa transparente e calcinha, deixando amostra as coxas branqueadas que não viam o sol.

Deslizando a mão pelo pescoço, conduziu-a através dos seios, tórax, e olhando para a porta fechada, penetrou para dentro do elástico. Como a mãe permanecia distante, acariciou-se novamente, sentindo a umidade contra os dedos e esboçou um sorriso.

Aquilo sempre acontecia quando concentrava os pensamentos “*Nele*”, o instrutor da hidroterapia. Era mais velho, oito anos talvez. Tinha as costas largas e braços delineados, um pele hidratada com algumas sardas amarelas nos ombros, peitoral definido combinando com a barriga lisa e as coxas tonificadas, e que coxas eram aquelas. Porém, o melhor de Danilo ficava oculto sob o short. Quando ele o removia para o início das sessões na piscina, exibia sob a sunga

um notável volume posicionado de lado, volume do qual por várias vezes Nick precisou desviar os olhos, a fim de que não percebesse a tara em sua reação.

Ela tornou a expirar meneando a cabeça. Precisava cessar os pensamentos. Eles eram muito bons, mas se continuasse com as fantasias, acabaria por ser novamente surpreendida pela mãe.

Após retirar a blusinha, passou o desodorante e esticou o corpo puxando o uniforme na extremidade do colchão. Vestiu a saiazinha sem muita dificuldade e a camiseta veio a seguir. Então, como rotineiramente, Nick conduziu as pernas para fora da cama, apoiou o tórax sobre elas e calçou os tênis cujo solado nunca fora desgastado, e agora, quinze minutos após supostamente a haver acordado, a mãe retornava.

Foi necessário ser auxiliada apenas com os livros, já que Nick, por conta própria, havia se acomodado na cadeira de rodas.

— Seu pai telefonou esta manhã — a mãe disse conduzindo a cadeira até a cozinha. A garota permanecia em silêncio, não queria conversar — Provavelmente vem nos ver na próxima semana — completou sorridente ao acomodá-la no espaço vazio da mesa.

Assim era todo o apartamento no primeiro andar, adaptado. Os pais procuraram manter os espaços organizados de forma a não fazê-la sentir-se limitada dentro da própria casa. Desta forma, o piso era liso sem desníveis, na sala ao invés de sofás, poltronas estampadas deixavam um amplo espaço para o trajeto da cadeira. No corredor não havia mesinhas de canto, porém, vários quadros de família enfeitavam as paredes, assim como elegantes luminárias que pendiam no teto. Já na cozinha, a mesa de três cadeiras (eram quatro, porém uma fora removida a fim de deixar-lhe o espaço reservado) era de mármore redondo para que na pressa (acordar atrasada era característico da garota) não esbarrasse na quina e acabasse por se machucar.

Nick percebia aquilo, o cuidado que os pais tinham com ela. Era bastante grata, tudo estava ao seu alcance, e dentro de casa se sentia a vontade.

A mãe matinha um cesto cheio de frutas sobre a mesa, pacotes de salgadinho, biscoitos, panificados e outras bobagens guardava na parte baixa do armário, e na geladeira, garrafinhas de água e suco sempre no compartimento inferior da porta. Nick era bastante mimada, todavia, mesmo com todos os paparcos, vez em quando acordava assim, irritada com tudo e todos.

Queria algo mais, algo que os pais não podiam lhe oferecer. Havia passado

toda a adolescência com desejos reprimidos. Concluído o ensino médio e começado o cursinho pré-vestibular observando as garotas “normais” iniciarem e terminarem namoros, depois reatarem para tornar a terminar e então superar, mas ela não, ela mantinha-se sempre do mesmo jeito, como amiga, apenas amiga de todos.

Não queria ser vista daquela forma, como a coitadinha da cadeira de rodas, não queria que sentissem pena, e sim que a tratassem por igual.

Queria flertar, beijar na boca, queria ao menos uma vez sentir as reais sensações conferidas pelos toques salientes, pelos pedidos indecentes. Como toda garota com os hormônios em ebulição, Nick queria experimentar o corpo, ela queria ficar com outra pessoa, ela queria sentir-se desejada por um homem.

Danilo

O instrutor acordou cedo e espreguiçou os braços ouvindo as juntas estalar. Lá fora o nascer do sol pintava as nuvens com uma forte tonalidade alaranjada, combinando com o clima abafado da capital goiana.

Da janela de seu apartamento, Danilo observou a paisagem urbana acinzentada, os vários prédios com fachadas pichadas, os ônibus que seguiam seu percurso pela avenida reta e as pessoas apressadas que caminhavam em direção aos locais de trabalho. Era segunda-feira.

Lembrou-se do interior ao observar a árvore que havia frente ao prédio, de quando acordava cedo, mas ao invés de concreto e poluição, era recepcionado pelo verde da fazenda e o cantarolar dos pássaros.

Aquela imagem, porém ficara para trás. Já havia o quê? Seis, sete anos? Não se lembrava muito bem, o certo é que deixara o interior para cursar a faculdade de fisioterapia e acabara firmando residência ali mesmo, onde fora contratado pela instituição na qual fizera o estágio obrigatório da graduação.

Danilo caminhou pelo apartamento desviando-se das roupas espalhadas pelo chão. Na mesinha de centro, livros da anatomia estavam abertos e misturavam-se com canetas, anotações, embalagens de sanduíche e CDs de duplas famosas. Havia ainda, no meio da bagunça, algumas latinhas vazias de cerveja apoiadas ao pé da mesinha sobre o tapete. Foram nelas que o rapaz acabou por tropeçar quando passou apressado em direção à cômoda.

Ele estava com o peitoral desnudo, seus mamilos destacavam o relevo da

musculatura dourada, que ele cobriu ao vestir uma camiseta regata que deslizou pelo tórax. Ajeitando a cueca que estava torta, Danilo inclinou-se vestindo o short esportivo que ergueu num rápido movimento até a cintura.

Jogou a mochila sobre a cama, ajeitou alguns livros e sentou-se entre os lençóis ouvindo a madeira ranger. Na cabeceira, apanhou o relógio que fechou ao redor do pulso, e então, observando o reflexo de seus olhos cor de mel, programou o contador para que acompanhasse as batidas do coração, puxando em seguida os tênis, os quais calçou sem meias.

Instante depois o rapaz estaria deixando a portaria do prédio com a mochila nas costas e um pacote de biscoitos nas mãos, correndo vagarosamente pela avenida sombreada, exibindo o porte atlético, enquanto fazia sua corrida matinal.

Ele virou em uma esquina, o sol já raiava acima dos prédios. Acompanhou vários transeuntes que atravessavam a faixa de pedestres e não interrompeu o aquecer das pernas.

Estava ofegante, olhava vez por outra para o relógio cronometrando o tempo do exercício, e na nuca, o suor já umedecera o pescoço ensopando também a regata que grudava ao corpo.

Passou pela banca de jornais e acenou para o velhinho que organizava os tabloides da manhã, não observara direito do que se tratavam as fofocas, mas pela imagem estampando os noticiários, a manchete do dia era algo relacionado à política, assunto que vinha ocupando os telejornais ultimamente.

Fez outra curva, passou por uma linda garota morena de cabelos longos, que como ele, vinha correndo do sentido oposto, praticando o mesmo aquecimento. Ela usava legging combinando com a blusinha verde clara, destaque para os seios arredondados.

Respirando fundo, Danilo não resistiu dar uma boa olhadela acompanhando os passos da garota, que passara sem o notar. Ela usava óculos escuros, a seu exemplo, e ajeitava os fones de ouvido enquanto tomava um gole da água que comprara de um vendedor ambulante qualquer.

Ao voltar a conferir o tempo em seu relógio, Danilo por pouco não esbarrou com um senhor que vinha do supermercado, trazendo duas sacolas em mãos. Desculpou-se sem interromper o movimento de caminhada, mas o velhote preferiu ficar para trás, parado a resmungar sobre o quanto essa juventude era desatenta.

“Queria ele ter a minha juventude para entender o motivo da desatenção”.

Danilo exibiu um sorrisinho zombeteiro, mas não com grosseria. Respeito aos mais velhos fora um princípio que os pais o ensinaram na infância.

Por fim fez uma nova curva seguindo rente a extensão gradeada à direita da avenida. Interrompeu a caminhada com o sol das oito sobre a cabeça, e os óculos escuros incomodando ao escorregar pelo nariz pontilhado de suor.

Tirou a mochila e jogou no canto do muro, ficou parado à sombra das árvores retomando o fôlego, inclinado com as mãos sobre os joelhos, a observar com dificuldade as numerações expostas no visor do relógio.

Ao que parecia, as batidas do coração estavam normais, e naquela manhã fizera o percurso em igual período.

Por fim, Danilo ergueu o tórax secando a testa, observou o movimento de estudantes entrando pelos portões à frente, e respirando fundo, ajeitou-se e seguiu o seu trajeto.

Nick

Aquele extenso edifício era o famoso IAPNE (*Instituto de Apoio a Portadores de Necessidades Especiais*). Ele tomava todo o quarteirão e era completamente cercado por jardins. Conseguir uma vaga no lugar era bastante concorrido, e um emprego, presente a não recusar.

O IAPNE estava classificado como uma das melhores instituições do país, reconhecida internacionalmente pelo trabalho de apoio e incentivo a deficientes físicos. Por ano, atendia mais de dois mil estudantes, conferindo-lhes gratuitamente tratamentos terapêuticos, cursos profissionalizantes e preparatórios, alguns sendo encaminhados ao mercado de trabalho após a obtenção do diploma.

Nick observava a fachada do lugar, oculta dentro do veículo estacionado ante os portões de acesso. Ela expirava baixinho, sem querer sair para um novo dia. Se pudesse escolher, teria ficado em casa com o ventilador ligado ao máximo, apenas de short a assistir qualquer coisa que passasse na televisão. Sabia, porém, que a mãe não conseguiria trabalhar com os pensamentos na filha que deixara sozinha, e apenas por causa dela, ir ao instituto valeria o sacrifício.

Ajeitando as roupas, a observou deixar a poltrona do motorista e abrir a porta traseira onde estava. Como costureiro, não demorou a que um dos

auxiliares se aproximasse oferecendo ajuda para dar suporte à cadeirante.

A mãe não hesitou diante da gentileza, abriu caminho, e Nick sentiu-se a criatura mais incapaz da terra ao ser tomada nos braços dele, e apoiada na cadeira de rodas posicionada logo ao lado.

Aquele funcionário certamente era novato, Nick estudava ali há seis meses e conhecia muito bem todos os auxiliares que ajudavam mães e filhos. Deveria tê-lo agradecido pela gentileza, mas, manteve-se apática, sentindo o sol incomodar os olhos, deixando o gesto por conta da mãe.

— Quer que eu a acompanhe querida? — a senhora entregou-lhe os cadernos e virando-se agradeceu ao rapaz, que neste momento, seguira a auxiliar uma nova família.

— Não precisa mãe — Nick respondeu sem emoção e manobrou a cadeira para o centro da calçada.

— Tem certeza que vai ficar bem? — a mãe questionou vendo-a ajeitar os cabelos que caíam por sobre os ombros. Para alívio de ambas, uma agradável brisa começara a soprar, agitando as árvores ao redor.

— Vou ficar ótima — despediu-se dando de ombros.

— Então, voltamos a nos ver a noite, okay? — a mãe falou exibindo um sorrisinho sem jeito, e a observou seguir pela calçada em direção à rampa. Não entrou no carro enquanto a garota permaneceu fora do prédio.

Nick não era boba, embora de costas, percebeu quando o porteiro exibiu um aceno, e se até aquele momento o homenzinho não houvera notado seu mau humor, certamente ficara ciente agora que a mãe pedia por sinais para que ficasse de olho nela. Respirou fundo.

— Senhor França!

— Bom dia Nicole. Teve um bom fim de semana?

Era um senhor baixo com um espesso bigode escuro e bem aparado, mas, apesar da estatura, qualquer um se tornava maior que ela, sempre sentada naquela cadeira, sempre a altura da cintura de todos.

— A medida do possível, obrigada. — respondeu sem emoção, e virando-se um momento, resolveu questionar — Algum professor faltou esta manhã? *Digo*, os do cursinho pré-vestibular?

— Acredito que não minha amiga. Quando passei pelo estacionamento vi todos os carros nas vagas. — sorriu e de reflexo virou-se a cumprimentar um garoto que acabara de chegar. Este também era especial, mas não como ela, as pernas dele “funcionavam”.

Buscando fôlego, a garota agradeceu seguindo seu caminho. Colocando força para deslizar a cadeira pelo largo corredor, observou os vários estudantes transitando por ali. Sentiu vontade de enfiar a cabeça dentro da bolsa, mas isso seria no mínimo patético.

A maioria dos colegas, mesmo que deficientes, tinha um largo sorriso no rosto, felizes por se reencontrarem após o feriado prolongado, porém ela, ela continuava pra baixo, ou pelo menos até aquele momento.

Prosseguiu ignorando os grupinhos, desviando-se de um, de outro, e quando fez uma curva à frente, para a ala dos cursos preparatórios, de supetão parou.

Ele estava ali, parado bem à sua frente. Para além dos vários estudantes especiais, o instrutor Danilo conversava com uma das funcionárias novatas, movendo alegremente os braços chamativos. A regata franzida na curva dorsal deixava-o com ar de moleque do interior, e o bumbum empinadinho chamava a atenção devido ao tecido do short, que não cobria toda a perna.

Ele era lindo, seu sorriso, seu jeitão descontraído. Saber que naquela tarde teria exercícios com o rapaz fora o suficiente para animá-la um pouco, ainda que se sentisse inapropriada pelas limitações.

Parada Nick não sabia como proceder. Seguir em frente estava fora de questão, não queria ser vista com a péssima aparência por não ter dormido direito. Afinal, o que Danilo pensaria? Que Nicole era uma garota depressiva? Irritada com a própria vida?

Sentiu-se embaraçada quando teve os pensamentos roubados por colegas que se aproximaram querendo passar. Ela manobrou para a lateral, estacionando a cadeira perto de um bebedouro, e com os dois seguindo à frente, voltou a observar o instrutor.

Danilo cumprimentava a colega com um beijo na bochecha, o que deixou Nick irritadiça. Em seguida ele jogou a mochila nas costas, e despedindo-se, voltou a trilhar seu caminho.

Danilo

Danilo respirava fundo quando se aproximou do vestiário. O membro chegava a latejar quando enfim fechou a porta e o puxou para fora, ouvindo em

seguida o jato de urina alcançar o sanitário.

Ele olhava para o teto esboçando um sorriso pelo conforto e boa sensação. Era um alívio poder sentir a bexiga se esvaziar enquanto o membro pulsava envolto por sua mão.

Ele estava segurando a vontade desde que saíra de casa. Tomara muita água no percurso ao IAPNE e o líquido fora filtrado rapidamente.

Ainda com um sorriso, ele observava as lâmpadas fluorescentes sobre a cabeça, sentindo as últimas gotinhas respingar levemente, então, abaixando os olhos, balançou o membro e tornou a guardá-lo dentro do short.

“Urina branca” — ele pensou antes de dar descarga — isto era um bom sinal e significava que estava bem hidratado como os médicos recomendavam.

Pressionando a válvula à frente, dera de costas saindo para o átrio do vestiário. Estava sozinho, e assim caminhou tranquilamente até o espaço onde ficavam os vários armários de ferro, abrindo um dos cadeados para guardar ali a mochila que trouxera.

De dentro dela pegou uma sunga limpa, short e a camiseta com a logomarca da instituição, só então, sua toalha felpuda, dirigindo-se outra vez para um dos reservados destinados aos chuveiros, que ele abriu sentindo o respingar frio sobre o corpo.

Os pensamentos de Danilo estavam distantes enquanto ensaboava os cabelos. Lembrava-se que tinha um trabalho para entregar naquela noite, no cursinho de aperfeiçoamento, e que deixara a conclusão por transcrever, devido ao sono que o envolvera. Aproveitaria o horário do almoço para aquilo, trouxera tudo na mochila, precisava economizar tempo.

A água fria escorria por suas curvas lavando todo o suor do exercício. Os cabelos perfeitamente aparados lambiam sua testa seguindo o curso da água, e ali mesmo, ele aproveitava para fazer os primeiros aquecimentos.

Movia os ombros em sentidos circulares, em seguida fazia o mesmo com o pescoço que estalara. Flexionava os joelhos, observando os pelos finos das pernas, penteados pela umidade do banho.

Sua vida estava uma correria nos últimos meses, a especialização estava consumindo todo seu tempo, e a carga de trabalho no instituto não estava nada flexível.

Passado alguns minutos, o instrutor desligou a ducha e tomou a toalha, secando o peitoral. Era forte, uma bela divisão. Secou ainda os cabelos, o rosto, os braços e vestiu a camiseta.

A sunga azul veio logo a seguir, e teve um cuidado especial ao posicionar o membro, pois não gostava de colocá-lo com a cabeça apontada para o chão. Achava esteticamente feio, portanto deixava de ladinho, tocando a lateral da virilha.

Ele vestiu o short azul, colocou a toalha ao redor do pescoço e abrindo a portinha, seguiu pelo átrio de cerâmicas esbranquiçadas, observando seu reflexo nas paredes até deixar o banheiro, para uma nova manhã de atividades na água.

Nick

As horas pareciam passar vagorosamente, e ela sequer as percebia. O professor explicava a matéria, mas ela nada conseguia acompanhar. Estava com os pensamentos distantes, fitando o vai e vem pelo corredor, enquanto respirava sofregamente, com a cabeça apoiada sobre o punho.

Nick chegara atrasada, estivera outra vez escravizada naquele vestiário da ala esportiva. Já fazia isto há algum tempo, esconder-se para espionar os movimentos do instrutor pelo local.

Mesmo perdendo os primeiros momentos do período, conservava a esperança de um dia poder pegá-lo desprevenido, de uma hora ou outra presenciar Danilo abrindo a porta e seu corpo nu despontar à sua frente, do jeitinho em que viera ao mundo.

O coração palpitava estranhamente só de imaginar. Um nó formava-se na garganta e fazia a respiração sair devagar.

Não conseguia se concentrar em nada mais, em ninguém mais, a não ser na adrenalina de suas espionagens, cada vez mais arriscadas.

No princípio, três meses antes quando começara os exercícios com ele, pensara ser apenas excitação, como sentia por outros professores com os quais convivia diariamente e que também estivera a espionar. Entretanto, com Danilo a fixação estava demorando a passar, em relação a ele parecia ser diferente.

Pensar no instrutor fazia a boca umedecer, os pelos dos braços arrepiarem, e um calor especial envolver o pescoço. Toda vez que estava em sua companhia, dentro da piscina, sentia-se alguém especial, e se o rapaz tocava-lhe de forma mais doce, era como se o mundo deixasse de existir, e restassem apenas os dois naquele infinito.

Nick ofegou e fechou os cadernos no momento em que o sinal soou. O horário dos estudos matinais chegara ao fim, e a exemplo dos demais colegas, girara a cadeira para o espaçoso corredor, aguardando um instante mais pela chegada da amiga que tinha igual deficiência.

Kaylane era seu nome, elas dividiam a mesa durante as aulas, e sempre estavam juntas. Somente a garota agitada para suportá-la naqueles dias de poucos amigos.

Kaylane era mais magricela que Nick, e sob o nariz miúdo, usava um óculos de lentes bastante grossas que deixava-lhe com os olhos bem pequenos. Ela não parava de tagarelar, o tempo todo falando e sorrindo, e agora, chegando à entrada do refeitório, prosseguia em seu relato sobre as aventuras do fim de semana.

— Eu particularmente estava torcendo para que eles se beijassem de uma vez — a garota murmurava enquanto procurava uma mesa vaga — Acho uma tamanha falta de noção fazerem um filme de duas horas, com uma única cena de beijo nos minutos finais — dizia irritada enquanto girava sua cadeira para o espaço logo ali, e então, percebendo a apatia da parceira, precisou chamar-lhe a atenção — Hey Nick?! Você está legal?

— E por que eu não estaria Kaylane? — Nick meneou a cabeça olhando o movimento, ainda esmorecida. Então, percebendo a colega ajeitar os óculos uma vez mais, precisou se desculpar, e reclinando a cabeça, pôs-se a ajeitar os materiais — Só não acordei muito animada.

— E quando acorda? — A colega zombou dando-lhe um leve cutucão no braço, e com a aproximação da merendeira, voltou a explicar-lhe sobre o tal filme.

Enquanto ela falava, Nick observava a mulher servi-las o cardápio do dia. Ela olhava para a refeição sem muito interesse, diferente de Kaylane que já estava a atacar a bandeja.

A amiga não fechava a boca sequer para mastigar, e alheia a seus resmungos, Nick erguera os olhos e avistou nas fileiras mais à frente a silhueta especial reclinada sobre um caderno espiralado.

O instrutor comia vagorosamente, fazendo pausas a escrever enquanto mastigava. Os braços expostos exibiam as curvas notáveis e bronzeadas sob o brilho do sol que entrava pela janela. A mochila descansava próxima à parede e ele parecia ignorar o movimento, com seus fones de ouvido fazendo cessar os ruídos.

Nick ficou ali, quieta a mastigar mesmo sem ter fome, ouvindo Kaylane resmungar algo sobre um cantor Kpop, enquanto os olhos fitavam a silhueta envolvente.

Ele estava tão lindo, tão bronzeado. Danilo era tão atencioso, educado.

Ofegou uma vez mais e quase teve um treco quando de supetão o instrutor erguera os olhos e a fitou. Num reflexo trêmulo para desviar o foco, Nick acabou por se esbarrar no copo de suco de laranja e derramou tudo sobre a mesa. Teve que se afastar rapidamente a exemplo de Kaylane, antes que o líquido escorresse para cima de si, e ficou constrangida quando imediatamente uma auxiliar se aproximou a secar a bagunça.

Ela não sabia como reagir, estava com temor de erguer os olhos novamente e perceber que Danilo havia presenciado aquele desastre. Além de ser “inapropriada” para ele, era totalmente desajeitada.

— Aqui, seque-se com isto — a auxiliar entregou-lhe alguns lenços de papel e só então Nick percebeu as pernas molhadas pela bebida alaranjada. No chão uma poça havia se formado, e para sua sorte, o suco não havia caído sobre a saia ou na cadeira de rodas. Umedecera apenas a panturrilha, respingando sobre o tênis, manchando uma parte da meia — Você quer ajuda? — A garota, que parecia também ser novata, se aproximou de suas pernas e ela afastou-se girando a cadeira para trás.

— Não precisa — disse com a cara amarrada, e agora, lançando um olhar para a região onde o instrutor estivera, percebeu que Danilo sequer havia notado o que acontecia.

O instrutor parecia mais preocupado em concluir suas transcrições antes que o horário do almoço findasse, e aquilo fez Nick sentir-se duplamente péssima. Por um lado fora bom ele não presenciar sua falta de jeito, por outro triste, já que Danilo não estivera a repará-la, como vivia a fantasiar.

Agora, tomando os lencinhos das mãos da auxiliar (ela estava bastante embaraçada pela atitude grosseira), passou a secar as pernas, atenta a Kaylane fitando-a fixamente.

— Nick? — a garota fez uma pausa observando-a reclinada — você tem certeza que está tudo bem? — questionou novamente, e aquilo insuflou a falta de paciência.

— *Putá que o pariu Kay* — Nick ofegou erguendo-se de supetão — Eu já disse três vezes que estou legal, três vezes — Praguejou jogando os lenços dentro da bandeja, e a garota a encarou constrangida. Então, ainda irritadiça,

Nicole puxou a mochila para sobre o colo, e manobrando a cadeira, se despediu, dizendo que tinha compromissos para aquela tarde, que precisava se apressar para não chegar atrasada e que se viam depois.

Capítulo 2

Nick

Toc, Toc, Toc.

Ela bateu antes de entrar. A sala parecia deserta e apenas um pêndulo balançava sobre a mesa. De um lado para o outro, o objeto movia sem fazer barulho.

Aquilo era bastante incômodo, saber que o pêndulo nunca parava, nunca descansava. Estava sempre assim, a quicar uma bolinha à outra, fazendo-a subir e descer, até ser a vez da companheira, que recebia o impacto e movia-se fazendo o mesmo trajeto de vai e vem.

Sobre a mesa havia uma linda orquídea em um vasinho envolto por papel celofane. A claridade entrava pela larga janela de vidro e banhava a cadeira do outro lado e os documentos espalhados.

Em um canto estava o sofá em couro no qual ela nunca se sentara, armários de ferro comportavam livros e no mural, vários recadinhos escritos em *post-it* amarelo estavam fixos por alfinetes avermelhados.

Ela tentava ler as inscrições quando a silhueta feminina entrou ajeitando os cabelos. Seu perfume era agradável, o que significava que não era a velhota com quem sempre conversava.

— Nick, certo? — a moça sorriu e então ela a reconheceu. Era aquela funcionária novata que estivera a conversar com Danilo mais cedo no corredor.

— Onde está a senhora Mirtes? — Questionou de imediato, observando a garota fechar a porta e seguir para o lugar atrás da mesa.

Ela girou a cadeira e posicionou-se frente a frente.

— Perdão. Não cheguei a conhecê-la. Acredito que seja a psicóloga que entrou de férias, não? — a garota disse esboçando um sorriso agradável

— Férias? E sequer me avisou? — Nick retrucou ajeitando os materiais sobre as pernas.

— Sim. Foi antes do feriado. — a moça explicou, colocando o óculos de armação vermelha sobre o nariz — Mas bem, permita-me começar nossa

conversa me apresentando, okay? Me chamo Daniele...

— Por que não pulamos esta parte? — Nick engoliu em seco quando a interrompeu — Sem querer ser rude Daniele, mas, isto não me parece relevante — Quando viu, já havia deixado escapar a grosseria, o que fez a gentil psicóloga corar. No entanto, diferente do que Nick pensara que aconteceria, a moça apenas apoiou os cotovelos sobre a mesa, cruzou as mãos e recostou o queixo sobre elas.

— Você gostaria de falar sobre isso? — Ela questionara fixando-a.

— Sobre isso? Como assim? — Sentiu-se embaraçada.

— Sobre querer pular as apresentações — Daniele esclareceu e houve um momento constrangedor. Nick não sabia o que falar.

— Ora. Não significa nada demais. Apenas, gostaria de pular esta parte — tentou driblar a interrogação, mas a garota nada fez, apenas continuou em silêncio a fitá-la. Nick sentiu-se sem jeito, e pegou-se obrigada a dizer algo mais — *Tipo*, para mim não importa saber seu nome ou o que faz da vida. Se a senhora Mirtes está de férias, deve retornar em um mês. Até lá, teremos o quê? Seis, sete encontros? Não fará diferença. Logo já não nos falaremos.

A psicóloga sorriu e naquele momento Nick soube que não fora com a cara dela.

— E por que já não nos falaremos Nicole? Após este tempo nada nos impede de sermos boas amigas.

Ela respirou fundo, e então foi novamente rude.

— E quem disse que eu quero novos amigos? — Olhou para sua face perfeitamente maquiada, e não sabia o quê tanto a incomodava naquela novata. Talvez fosse a falsa expressão compreensiva, como se forçada a manter a calma com ela, afinal, a garota parada à sua frente não passava de uma pobre aleijada frustrada por não poder andar. — Olha só, vamos deixar uma coisa clara? — prosseguiu ajeitando-se melhor à cadeira — Se frequento essas conversas é porque minha grade curricular me obriga, sem falar na minha mãe, que toda sexta-feira faz questão de vir conversar com vocês. Então, se quer mesmo ser minha amiga Daniele — ela murmurou — Por que não fazemos como a senhora Mirtes? Você abre essa gavetinha ao seu lado, me presenteia com uma barra de chocolate, uma frase de autoajuda, então me libera como se nossa sessão tivesse durado o tempo exato. Eu ficarei feliz e você ficará feliz. O que acha?

Ela a olhou fixamente por mais alguns instantes, e então, retirando os

óculos, os colocou em um cantinho. Em seguida abriu a gaveta com grande naturalidade, retirou uma pequena barra de chocolate e com um sorriso estampando a face cálida, colocou-a entre as duas.

— Olha Nick, se você não deseja conversar, eu não posso forçá-la. Apenas quero que saiba que estou aqui todos os dias, sinta-se a vontade para desabafar quando necessário.

A garota ignorou aquilo, estava cansada de todo aquele tato que tinham com ela. Dando de costas, girou a cadeira com a barra de chocolate em mãos e deixou a sala.

Assim que a porta se fechou, Daniele desfez o sorriso e imediatamente respirou fundo curvando a cabeça. Ela precisava respirar, ela precisava manter o equilíbrio. Aquele era apenas seu primeiro dia no instituto, o primeiro de vários até o fim do estágio.

Danilo

A piscina estava muito fresca. Havia sido limpa durante o fim de semana, e era de uma transparência tamanha que tornava possível ver as cerâmicas do fundo com perfeição.

Ele estava concluindo os exercícios de uma garota quando avistou ao longe a colega novata chegar. Daniele estava caminhando por ali, com semblante decaído, e aquilo lhe chamou a atenção.

Despedindo-se da paciente assim que ouviu o sinal soar, Danilo deixou a piscina, e agora, vestindo a camiseta e pendurando a toalha nos ombros, acenou para Daniele, que esboçou um sorriso aproximando-se.

Ela se sentou em uma espreguiçadeira e o aguardou chegar.

— Dia difícil? — Danilo questionou quando sentara ao seu lado, esboçando aquele largo e envolvente sorriso acolhedor.

— Esperava que fosse mais fácil, confesso. — ela murmurou, grata por ele sentar-se ali para dar-lhe apoio.

— O que houve? Você parece um pouco esmorecida. — ele questionou, recordando-se de como se sentira igualmente isolado nos primeiros dias.

— É que — começou a desabafar, enquanto estalava a junta dos dedos — Quando estamos na faculdade, antes de sermos distribuídos para o estágio, ficamos tão apreensivos e sonhadores, esperando dar nosso melhor, aplicar tudo

o que aprendemos para conseguir fazer alguma diferença na vida de alguém, entende?

Fez um instante de silêncio, e então Danilo questionou:

— Seja mais específica — ela virou-se esboçando um encantador sorriso, e quem estivesse passando, notaria o olhar de encanto que ela já nutria por ele.

— Uma garota, esta tarde — Daniele continuou — Nick, o nome dela. Agiu de uma forma tão seca comigo, sem ao menos querer me conhecer. Ela sequer me deu a oportunidade de introduzir algum assunto, demonstrar meu trabalho, e, bem, a forma como falou, me senti tão despreparada para agir com a situação.

Houve um instante de silêncio, Danilo olhava para a piscina afastada.

— Ela é uma das garotas cadeirantes?

— Sim. Acho que estuda na turma dos vestibulandos do primeiro horário.

— Acho que sei quem é — ele disse compreensivo — A garota é minha paciente há alguns meses, mas, nunca me tratou de forma seca. Pelo contrário, sempre pareceu uma ótima aluna — disse sem compreender a atitude de Nicole.

— Talvez este seja o problema Danilo — ela continuou — Por conhecê-lo há mais tempo, Nick deve sentir-se mais a vontade para conversar com você. Talvez os assuntos que tenha a discutir, aqueles que a fazem ficar tão arredia, sejam mais bem trabalhados com alguém no qual já desenvolvera confiança — e então, após um momento de pausa, prosseguiu parecendo ter uma ideia genial — Você bem que poderia me ajudar com isso, sabia? Converse com ela como quem não quer nada, como um amigo, sabe! Talvez a boa relação de vocês possa acabar ajudando.

O instrutor não soube como reagir, foi um pedido inusitado, que fugia completamente sua área, mas, que fazia todo o sentido.

Ele já tratava de Nick há tempo suficiente para saber que a garota o considerava um amigo, para perceber que se sentia bastante a vontade consigo. Quem sabe não pudesse lograr algum êxito pela amiga.

Assim, decidido a ajudá-la e pensando principalmente no bem estar da aluna, observou Daniele erguer-se e se despedir. Com o tocar do sinal, outro paciente iria se dirigir à sua sala de aconselhamentos.

Nick

Nick girou a cadeira para fora do vestiário, satisfeita pela barra de chocolate e por ter podido ficar alguns minutos sozinha. Todas as aulas, consultas, exercícios ou oficinas no instituto possuíam o mesmo tempo de duração, e diferente de quando fora para falar com a psicóloga, ela aguardou aquele badalar com bastante ansiedade.

Às quatro horas seus exercícios na piscina eram conduzidos por Ele, Danilo, sempre após a sessão inútil de conversas.

Nick não odiava as sessões como um todo, apenas preferia a psicóloga anterior, dona Mirtes, pois diferente dos estagiários ávidos por demonstrar trabalho, ela não forçava a barra, sabendo compreender perfeitamente que algumas pessoas se sentem bem em guardar certas coisas somente para si, e só porque gostam da solidão, não significa estarem com problemas, por isso se dera tão bem com ela.

Quanto a esta tal *Daniele*, no primeiro momento que a viu já sabia que não iriam se entender, principalmente agora, depois de fazer a curva para a ala das piscinas e observá-la outra vez com Danilo, despedindo-se dele com um abraço.

Ela sentiu um nó na garganta e uma estranha sensação dentro do peito com a cena diante de si. O sorrisinho que exibia ao pensar no rapaz fez a boca amargar e aguardou um instante ocultando-se atrás de alguns canteiros, até a psicóloga aproximar-se passando bem ao lado, sem a notar. Pensou sinceramente em não comparecer à piscina desta vez, porém os espasmos do fim de semana foram bastante intensos e se não fizesse os alongamentos daquela tarde, teria outra noite incômoda.

Girando a cadeira ela aproximou-se do interior do ginásio, logo Danilo aparecera vindo da lateral, parando rente a uma espreguiçadeira, depositando ali a toalha e a camiseta regata.

Ele era um Deus. Danilo era um Deus que enchia os olhos de todos ao redor. Um Deus gentil, educado e simples, que parecia não perceber os sorrisinhos interesseiros das garotas que o comiam à distância.

— Nick? — ele sorriu ao se aproximar, e mesmo com raiva, a garota se sentiu toda derretida quando sua sombra a tocou — Como foi o feriado? — questionou preparando-se para ajudá-la a sair da cadeira e entrar na piscina.

— Calmo — a garota respondeu em poucas palavras. Não estava tão comunicativa como estivera anteriormente.

— Só calmo? — Danilo sorriu pedindo-lhe licença, e então Nick envolveu as mãos ao redor de seu pescoço e sentiu o corpo ser içado.

— Apenas fiquei em casa. Assistindo filmes e olhando para o teto — a garota resolveu ser um pouco mais educada, sentindo-se inebriada com o cheiro da pele dele.

Sempre que era erguida em seus braços, Nick desejava roçar o nariz naquele pescoço liso e sentir a textura da pele bronzeada, a textura daquela veia esverdeada que ficava evidente pelo esforço.

Outra vez Danilo sorriu, agora entrando na piscina. Em instantes Nick percebeu a água fria envolver-lhe o corpo.

— Eu também fiquei em casa — disse ajudando-a com uma boia — Estive estudando para uma prova da especialização. Foram tantos trabalhos que consegui terminar apenas hoje no almoço.

— Então era isso que fazia mais cedo? — quando viu, Nick já havia deixado escapar. Corou.

— Para você ver. A faculdade não nos deixa sequer almoçar em paz — agora a garota sentia as mãos do instrutor auxiliando-a no ajeitar das pernas, vagorosamente, embora ela mesma não as pudesse sentir. — E os espasmos? Tem sido menos frequentes?

— Foram um tanto incômodos durante o fim de semana — explicou sentindo aquele delicioso arrepio, quando Danilo tocou-lhe as costas. A mão dele era tão acolhedora e firme. — Lembrei-me de você — Outra vez deixou escapar. — Quero dizer, das instruções para amenizar o desconforto — complementou toda embaraçada.

— O segredo são os alongamentos Nick — agora Danilo a segurava pela cintura, ajudando-a a deitar a fim de boiar sobre a água. Nick sentia o corpo leve, a água acariciando as laterais da face, e os olhos claros do instrutor fixando gentilmente os seus, enquanto a fazia flutuar para um lado e para o outro, vagorosamente. Ela fixava seu rosto cáldo, como o rosto de um anjo, clareado por aquele olhar acolhedor, sentindo-se cada vez mais rendida aos seus toques. Foi quando Danilo retrucou: — Posso fazer uma pergunta indiscreta? — Nick engoliu em seco, sem desviar o olhar.

— Fique a vontade — sorriu sentindo aquela deliciosa sensação de paz que a voz do instrutor a transmitia.

— Bem. Já há alguns dias, durante nossas sessões, tenho percebido você um tanto tensa, quieta.

Ele fez uma pausa observando-a fechar os olhos.

— E? — Nick retrucou, sentindo-se cada vez mais leve sob suas mãos.

— E, bem. Estive pensando. Há algo a incomodando Nick? Sei lá, algo sobre o qual gostaria de conversar?

A garota abriu os olhos e tornou a fitá-lo. Danilo era tão inocente. Mesmo sendo mais velho, tendo mais experiência, parecia uma criança. Uma criança que não queria perceber seus sinais de interesse, e aquilo a corroia por dentro.

— Ando apenas cansada instrutor, perdoe-me.

Então, gentilmente Danilo fê-la erguer-se e recomeçou a sessão de massagens removendo a tensão de suas panturrilhas. Nick se apoiava em seus ombros, escorada à borda da piscina, sentindo as mãos trêmulas no desejo de acariciá-lo. Chegava a morder os lábios na resistência, pois faltava-lhe coragem para tentar algo.

— Também posso fazer uma pergunta?

O instrutor ergueu os olhos e a encarou, apoiando seu pé no fundo da piscina, e trazendo o outro à altura da cintura.

— É claro que sim. Pode mandar — ele voltou a inclinar os olhos, e pressionando os dedos frágeis, a ouviu murmurar:

— Você namoraria alguém aleijada? — sentiu que a expressão soara bastante rude, e então procurara melhorar — Quero dizer, uma pessoa com algum tipo de deficiência? Uma pessoa cadeirante?

Danilo não ergueu os olhos a princípio, sentira-se corar, mas, já havia se acostumado com aquele tipo de pergunta. Ser uma cara jovem, solteiro e viver com o corpo exposto por quase oito horas diárias, fazia-o tornar-se o centro das atenções por onde passava, e na maior parte das vezes, dos interesses também.

Então, procurando a voz ele pôs-se a respondê-la.

— Não vejo problema algum quanto a isso. Mas, por que a pergunta? — olhou para seu rosto, e a observou desviar o olhar. Ainda sentindo as mãos fixas em seus ombros, viu que precisava ajeitá-la ou logo Nick cederia à falta de sensibilidade. — Por acaso está interessada em algum dos garotos do instituto? — brincou.

Agora o coração de Nicole estava agitado, disparado. Ela sentia o estômago desconfortável e a garganta apertada por manter aquele segredo.

Queria dizer ao instrutor que na realidade não era um “garoto” que estava mexendo com seus sentimentos, mas sim “ô garoto”, mas sim ele.

No entanto nada disse, permaneceu silenciosa, até que o instrutor resolveu quebrar o silêncio e murmurou:

— Olha Nick, você sabe que somos amigos, não sabe? — questionou e a

garota assentiu, tornando a olhar para o seu rosto — Então, seja qual for o problema, por favor, não se sinta constrangida em desabafar comigo, tudo bem? Seu bem estar depende disto. Sua saúde depende disto.

Capítulo 3

Nick

Então ela acordou chorando outra vez. Ainda era cedo, o relógio sequer havia despertado e Nick virara de lado no colchão, recostando o rosto na parede, recordando-se da conversa que tivera com ele na última sessão de hidroterapia.

Agora tinha certeza de seus sentimentos, entendia o motivo de ficar olhando as fotos de Danilo no facebook, todas as noites, antes de ir dormir. Dando zoom, recostando o nariz à tela do celular, como se pudesse sentir seu aroma, a textura de sua pele.

Nick estava completamente apaixonada pelo instrutor, e aquilo somado à carência deixavam-na fragilizada.

As pernas não ajudavam, se mexiam como se possuísem vida própria, embora a garota soubesse que estavam adormecidas. Era apenas reação dos músculos para lembrá-la que nunca seria como as outras garotas de sua idade.

Nick voltara a sonhar com Danilo naquela madrugada, e ao acordar, estava novamente sozinha, solitária, apenas com a sensação de seu corpo tão próximo.

Virara de barriga para cima tentando encontrar uma melhor posição para os músculos doloridos, e encarando o teto que começava a ser riscado pelos primeiros raios de sol, respirava com um pouquinho de dificuldade devido ao clima abafado.

Sentia a garganta seca, a língua amargando, o coração apertado.

Inquieta, resolveu se levantar, preparar-se para quando a mãe a chamasse sem bater.

Sentando-se na lateral do colchão, permaneceu silenciosa por um instante, fitando os pés, aqueles mesmos pés rosados que Danilo tanto parecia apreciar.

Os pensamentos estavam revoltos, abalados, em reflexão sobre como tudo lhe era mais difícil.

De repente uma fúria foi substituindo a tristeza. Nick sentiu ódio de si mesma, de sua situação. Pensou outra vez em Danilo, pensou outra vez no instrutor que a tocava de forma tão leve debaixo d'água e da paz que isso lhe

transmitia.

Afinal, o que Dan pensaria se tomasse coragem para contar-lhe a verdade? Será que com a declaração, corria o risco de um clima estranho pairar sobre os dois? Como Danilo reagiria se soubesse de seus sentimentos e desejos por ele?

Nick estava em conflito. Ela respirava fundo tentando controlar o sufocar, mas outra vez as lágrimas insistiram em descer abafadas.

Com o coração acelerado puxou as roupas na cabeceira e começou a se vestir, ela precisava preparar-se para mais um dia. Ele precisava preparar-se para revê-lo outra vez.

Danilo

— Hey, Dan?! — Daniele gritou quando o observou seguir pelo corredor sem antes fazer a pausa rotineira em sua sala. Ao ouvir a voz latejando em seu cérebro, o instrutor parou e aguardou os passinhos alegres alcançá-lo, porém, quanto mais a estagiária se aproximava quicando os saltinhos no chão, mais ele sentia os sons incomodado-o, como se fossem marteladas no fundo da mente — *Ehr*. Oi?! — ela parou ao lado com um largo sorriso, pressionando-lhe o ombro, que Danilo sentia pesar desconfortável.

— Bom dia Dani. Tudo bem? — ele a cumprimentou gentilmente com um beijinho na bochecha.

— Bom dia — ela retribuiu com um sorriso — E então? Como está se saindo? Conseguiu descobrir algo mais? — questionou, e ele pareceu confuso por um instante — Sobre as tais paixonites da Nick, lembra-se? Você disse que tentaria descobrir algo mais sobre o porquê de ela estar tão fechada. Sobre estar apaixonada.

Danilo sentia a claridade que perpassava o teto incomodar a visão. Ele não amanhecera muito disposto, o nariz coçava, os ombros ardiam, e um simples sussurrar era como uma escola de samba desfilando pelo corredor.

— Ah. Sim. Perdão — sorriu e a garota enfim percebeu que não estava legal.

— Você está bem? Parece cansado. — ela questionou aproximando-se mais, tocando-lhe a testa franzida para sentir a temperatura — Parece febril.

— Acho que peguei um resfriado, só isso. — ele coçou o nariz outra vez, seus olhos irritados ficando repuxadinhos nas laterais e a garganta ardendo.

Daniele imediatamente o repreendeu.

— E veio trabalhar doente Danilo? — meneou a cabeça, desaprovando a atitude impensada — Pelo que vejo, você está começando a ter febre, isto pode piorar ao longo do dia, sabia? Não acha melhor pedir dispensa e ir descansar?

Danilo sorriu gentilmente, as pernas desejando ceder, a respiração um pouco pesada. Odiava matar dias de serviço.

— Não precisa Dani, obrigado. Eu até pensei em desmarcar os exercícios, mas... muitos garotos precisam deles, entende? — murmurou indicando-lhe o caminho à frente, para que ela o acompanhasse. — Sem falar que à noite tenho aulas importantes na faculdade. Se ficasse em casa, parado, certamente pioraria.

— Eu não entendo você Danilo Anthony, mas... — ela disse parando antes de chegar ao ginásio esportivo — Mas acho que deveria repensar. Entrar na piscina nestas condições poderá piorar seu estado, sem falar que se for gripe, pode até transmiti-la para alguém. — E então, observando-o uma vez mais, deu-lhe um rápido beijinho de despedida — E agora preciso ir, você quer que eu traga algum comprimido para dor?

Danilo respirou fundo agradecendo novamente a gentileza, mas recusou a ajuda. Ela então sorriu outra vez, deu de costas e se retirou, e ele, com os olhos cada vez mais irritados pela claridade, entrou no vestiário sentindo calafrios devido a umidade do lugar.

Daniele tinha razão, estava com um princípio de febre, mas ainda assim resolveu manter a rotina. Abriu o armário, guardou a mochila, pegou as roupas limpas e seguiu para a ducha. Quando abriu a válvula e o primeiro jato tocou as pernas, ele pulou para trás, todo arrepiado. Reduziu um pouco a pressão e esperou o chuveiro aquecer, só então tornou a entrar.

Danilo ficara quieto um instante, sentindo a água umedecer o corpo. Ele tentava flexionar os ombros e o pescoço, mas o desânimo nas articulações tornava o aquecimento bastante desconfortável.

Resolveu então ficar apenas parado, sentindo a ducha escorrer da cabeça para o pectoral, fazendo a trilha do tórax em direção aos pés.

Mantinha os olhos fechados, enquanto respirava vagorosamente, um pouco zozinho, tentando recuperar o ânimo para que o dia realmente começasse.

Pensara que o banho ajudaria a tirar aquela “moleza”, mas a cada gota quente que respingava na pele, mas desconfortável ele parecia se sentir.

Por fim, levou a mão novamente à válvula e a fechou, ficando um momento

parado, com o líquido a escorrer para o ralo. Ele esticou a mão até a porta, e procurou pelo tecido felpudo que sempre pendurava ali. Virou-se quando não conseguiu localizá-lo, e viu que nos ganchinhos, apenas as roupas sujas e limpas permaneciam colocadas lado a lado.

“*Droga*”. Ele suspirou baixinho. Havia se esquecido de pegá-la na mochila. Então, abrindo uma pequena fresta que revelou parte de seu corpo desnudo, ele observou o átrio silencioso. A cabeça dava leves pontadas, e o barulho do movimento no pátio ecoava entre as paredes do recinto.

Danilo pensou alguns instantes, então resolveu que teria de vestir-se molhado mesmo. As roupas umedeceram e coloram-se ao corpo quando ele as trajou, e com os pelos das pernas ainda cintilando, deixou o reservado seguindo em direção ao armário.

Quanto tocou a porta para romper o cadeado, reparou que não estava sozinho, como pensara. Havia a silhueta de um cadeirante parado na parte afastada próximo à porta. De cabeça curvada, aparentava não estar se sentindo bem, e agora, olhando com mais atenção, assustara-se ao perceber que era uma garota.

— Nicole? — ele questionou sem jeito, aproximando-se com a toalha envolta ao pescoço — Hey Nicole, o que faz aqui? — olhou para o movimento lá fora, aquele era o vestiário masculino — Você está legal?

— Estou sim, perdoe-me instrutor — a garota respondeu com a voz embargada, tentando disfarçar o mau jeito.

— Você confundiu as entradas, este é o vestiário masculino, não reparou? — engoliu em seco protegendo os olhos incômodos, então fitou seu rosto — Você estava chorando? O que houve? — questionou ao reparar a face avermelhada, então se aproximou agachando à sua frente — Por Deus, são as pernas? Os espasmos voltaram mais fortes?

— Um desconforto apenas Dan, mas, não é disto que se trata. — Nick respondeu ofegante.

— Um desconforto? — Danilo tornou a questionar, passando a massagear-lhe as panturrilhas — São as veias? Elas incomodam?

— Você não compreenderia — Nick murmurou sentindo-se péssima por não poder contar-lhe tudo. Respirou fundo e Danilo pôde reparar em seus olhos inchados por não ter dormido direito.

— *Ei, ei, ei...* — ajeitando-se, ele acariciou-lhe os cabelos, pressionando suas mãos, transmitindo confiança — Você tem certeza de que não quer falar sobre

isso? Por acaso se sente chateada com aquilo que andamos conversando? Com os garotos?

Nick ofegou.

— Não Danilo. Não são os garotos — respirou fundo olhando para o teto, cada vez mais sufocada por ele não compreender, por ele insistir em massagear suas mãos de forma tão íntima, tão suave, tão sensível — O que sinto é algo que não dá para explicar assim — fitou seu rosto por um instante, reparando nos olhos repuxadinhos pela sensação febril.

— Ora. Apenas tente — o instrutor murmurou, preocupado com que alguém chegasse e a pegasse ali. Houve um instante de silêncio.

— Não dá Dan, você não entende? — estava trêmula.

— Se esforce.

— Você não compreenderia.

— Posso tentar, eu... sou seu amigo, não? — Insistiu apertando suas mãos, sentindo-se arrepiado pela febre, e Nick, chegando mais próximo como se quisesse sussurrar-lhe aquilo em confiança, olhou rapidamente para a entrada do local.

— Perdoe-me, mas eu... — ela sussurrava baixinho, engolindo em seco, voltando a encará-lo — *eu, eu...* — E então, não resistindo mais, forçou o corpo para frente e de supetão tomou-lhe o pescoço numa pegada certa.

Num susto Danilo sentiu um arrepio percorrer o corpo. Foi tudo muito rápido, muito intenso. Num momento estava conversando calmamente com a paciente, e no outro, os lábios trêmulos dela tocavam os seus. Quando enfim a ficha caiu, forçou o corpo para trás e tentou erguer-se, ela o segurou um instante mais e ele quase a derrubou da cadeira.

— Nick? — o coração estava acelerado, ele secava os lábios enquanto ajeitava-se de pé — *Mas o quê... o quê...* O que diabos foi isso? — praguejou olhando para a saída. Estava assustado, temeroso com o que acabara de ocorrer.

A febre de repente parecia ter aumentado, e cerrando os punhos, sentia os músculos latejar e os lábios umedecidos pelo beijo neles desferidos.

— Dan, eu...

— Nicole, *isso...* Isso foi errado... foi muito errado... *você...* — Dan gaguejava atônito, colocando a mão frente ao corpo para afastar suas tentativas de justificativa. A toalha caíra entre os dois, contrastando na cerâmica cintilante, e agora, sua expressão era de fúria e confusão, as veias no pescoço saltavam agitadas.

— Dan, eu queria que você soubesse...

— Não Nick... chega. Você não deveria ter feito isto... *Você...* Você está fora de si? O que estava pensando? — Não sabia o que falar, ainda sentia a sensação aflita do beijo roubado, e um desejo intenso de esmurrar algo — *Você... você...* O quê você fez? O que fez? — e sem conseguir se expressar, caminhou apressado para longe dela, para a região dos armários. Parou ali olhando para os lados, pensou um momento, e frente à porta apenas recostada, desferiu um golpe no calor da fúria, ecoando o barulho metálico pelo ambiente, o que assustou a garota.

Nick

Ela deixou o vestiário sem olhar para trás. Deslizava as rodas da cadeira rapidamente pelo chão cintilante, em direção ao bloco das salas de aula. Em seu interior havia uma confusão, e na pressa por deixar o ginásio, a garota parecia não ver nada e ninguém em seu caminho.

Girava as rodas da cadeira como se a vida dependesse daquilo, girava as rodas da cadeira como se os braços fossem algum tipo de motor.

Ela contornou rapidamente um canteiro interno de margaridas, quase atropelou uma professora da turma de artes, e desviou-se por pouco de um aluno cego e sua acompanhante. Por fim pôde respirar aliviada. Estava distante o suficiente, afastada ao máximo da ala de exercícios.

Parada no corredor da sala de aula, observava o vai e vem de alunos especiais. O sino já havia tocado há algum tempo, e ela estava outra vez atrasada.

Respirou um minuto, recuperando-se rente à parede próxima à porta. As mãos estavam suadas, no interior não sabia qual a vontade predominante, se a de sorrir por tê-lo conseguido beijar, ou a de chorar, também por tê-lo conseguido beijar. Apenas aguardou ali, na lateral, para não atrapalhar o caminho. Aguardou ajeitando a mochila sobre as pernas, tremendo, lembrando-se do toque doce de sua boca quente.

Quando enfim tomou coragem para pedir licença ao professor, dirigiu-se à sua mesa, e foi cumprimentada por Kaylane, que analisando a expressão assustada em seu rosto, apenas a observou se ajeitar, vez por outra olhando torto, de lado, desconfiada de seu jeitinho estranhamente esquisito.

Ela havia beijado Danilo, dava para acreditar? Na loucura, sem muito pensar, ela havia conseguido encostar os lábios nos lábios de seu instrutor, mesmo que por um rápido instante. — Nick pensava trêmula — Ela havia roçado os lábios grossos de Danilo, sentido a quentura de seu rosto macio mais próximo que de costume, sua barba por fazer.

Era como se houvesse pisado na lua, descoberto vida em outro planeta. Havia um misto de sensações em seu interior.

As entranhas se contorciam pelo temor do que aconteceria a seguir, mas os músculos da face teimavam em esticar, sem querer reprimir o sorrisinho bobo.

Então foi surpreendida por Kaylane:

— Ei? O que você tem? — a colega questionou observando que ela não conseguia firmar a caneta para transcrever os exercícios da lousa. A tremedeira só podia ser controlada quando Nick escondia as mãos entre as pernas, a fim de secar o suor que as umedeciam.

— Nada Kaylane — desconversou ignorante, sem desviar os olhos da lição.

— Você precisa de ajuda com isso? — Kaylane permanecia a estranhar aquilo, olhando para sua mão. Nick nunca agira assim, sempre parecia uma emo depressiva. Principalmente pela manhã.

— Já disse que está tudo bem Kaylane. Que droga — Ela resmungou mais alto, chamando a atenção do professor. Constrangida, desculpou-se, voltando à tarefa.

Não queria conversar agora. Queria continuar calada, sentindo o calor dos lábios dele e a sensação de sua face tão próxima.

Fora uma loucura o que fizera, uma loucura como aquelas que só acontecem nos filmes.

Ainda estava embaçada por ter tido coragem, embaçada por ter tido coragem de aguardá-lo sair do banho, e então, forçado seus lábios àquele beijo.

Ela não conseguia se concentrar à aula com tantas imagens para apreciar, ela estava nas nuvens. Nick estava literalmente nas nuvens.

Danilo

— Não estou me sentindo bem diretora. Acho que preciso de uma licença para me recuperar. — Ele murmurou diante da senhora que usava notáveis óculos pontudos.

Sentada em sua mesa, a mulher o observava como se ponderando o pedido feito em cima da hora, e o que mais torturava o rapaz, era o silêncio misterioso e olhar perscrutador, como se a diretora já soubesse de algo.

Ora, só de imaginar o ocorrido espalhando-se pelo instituto, de boca em boca, ouvido em ouvido, era o suficiente para deixá-lo tonto, com vontade de vomitar.

Ele tentava controlar o nervosismo, mas aquilo parecia estampado em sua face.

— E então? O que me diz? — Murmurou impaciente, sentindo as mãos trêmulas e o coração acelerado, ainda confuso com o que acontecera.

— Estou procurando uma alternativa instrutor, mas, não a consigo encontrar — a diretora fez uma pausa pegando o telefone — Você precisa que alguém o leve em casa? — O fitou um momento enquanto fazia a ligação, e ele mantinha a feição nervosa, ajeitando-se na cadeira.

— Não. Não é necessário senhora, moro a apenas alguns quarteirões do instituto.

Ela continuou silenciosa ouvindo o telefone chamar do outro lado, e ele, ansioso, tentava controlar a tremedeira e o desconforto.

Como a mulher nada dizia, teve de novamente questioná-la:

— E então, já posso ir? — retrucou observando-a suspirar.

— É claro meu rapaz, é claro — a diretora assentiu, observando-o erguer-se à frente, e na pressa, embolar os pés nas alças da mochila e quase derrubar a cadeira. O nervosismo do rapaz era visível, e agradecendo uma vez mais, jogou a mochila nas costas e se retirou.

Saindo ao corredor, Danilo subiu pelo trajeto mal iluminado, passando pelos funcionários da limpeza, e deixou o prédio pelos fundos. Ao sentir o sol incomodar os olhos, colocou os óculos escuros e caminhou pela avenida, abeirando os portões do IAPNE.

Ele contornou a instituição e respirando fundo, não observava os transeuntes que o rodeavam. Lembrava-se apenas do que acabara de ocorrer, da boca trêmula de Nick ao procurar a sua, da audácia da aluna e seu olhar temeroso.

Danilo estava muito constrangido pelo que Nicole fizera, e aquilo perturbaria seus pensamentos todo o fim de semana.

Sua atitude idiota poderia custar-lhe o emprego, sua atitude idiota poderia custar-lhe o bom nome como instrutor.

Capítulo 4

Nick

Danilo não aparecera na piscina pelos dois dias que se seguiram. Isso era preocupante. Na sexta-feira, durante a rápida sessão que tivera com a psicóloga, ficou sabendo que ele precisara afastar-se devido a um forte resfriado, e que por isso, voltaria ao instituto somente após o fim de semana.

Era frustrante, bastante frustrante ter que fazer seus alongamentos com um dos estagiários. Nick estava tão acostumada aos toques cálidos de seu instrutor, que estivera mal humorada em todas as sessões. O resultado de tanta relutância viera durante o fim de semana.

No sábado, os espasmos quase não a deixaram descansar. Para amenizar o desconforto, Nick precisara passar todo o tempo com os fones de ouvido e os olhos fixos à tela do smartphone. Ela conferia o perfil no facebook a cada duas horas, em busca de alguma atualização que pudesse mesmo que de forma indireta, dizer-lhe algo sobre o que Danilo estava pensando. Sua frustração vinha pelo fato de seu último status datar ainda da manhã anterior ao beijo, e sequer tratava-se de um pensamento, mas sim de um compartilhamento rotineiro de Quiz.

Nick respirara fundo e jogara o celular de lado. De olhos abertos, acompanhava o anoitecer sombreando o quarto, e enquanto observava o lustre ovalado no teto, recordava com clareza cada segundo daquela loucura. Ela tocava os lábios com os dedos, buscando simular a pressão dos lábios dele, e no embalo das fantasias, flutuava desenvolvendo os pensamentos para além do que realmente acontecera.

Suas emoções estavam embaladas por uma montanha-russa. Vez Nick esboçava um sorriso demorado sentindo o coração acelerado, vez um profundo momento de silêncio, com o estômago apertado e cheio de tremores.

A mãe batia à porta de tempos e tempos, sem poder entrar. Ela havia tomado o cuidado de passar a chave para não ser incomodada, e pelo tom de voz da senhora, percebia que parecia preocupada com seu isolamento.

— Nick, querida, você não vai jantar?

A garota suspirava irritada pela falta de privacidade, mas, buscando mantê-la calma, respondia:

— Não estou com fome mãe — e então completava — Mais tarde eu faço um lanche.

Porém a mãe insistia:

— Lanche Nick? Tem certeza? Você não almoçou direito filha — e insistia — Seu pai telefonou a pouco, não quer saber as novidades?

— Agora não mamãe, estou lendo. Depois a senhora me conta.

Ela só queria continuar sozinha. E independente de a mãe ficar ou não a perscrutá-la, permanecia na mesma posição, deitada a sentir a brisa do ventilador, enquanto apertava vagarosamente a ponta dos mamilos, apreciando a ardilência prazerosa que aquilo conferia.

Ainda não conseguia acreditar que tivera coragem de beijá-lo, ainda não conseguia acreditar que tivera coragem de demonstrar o que sentia.

Nick estava em uma completa guerra entre a razão e a emoção, porém, ainda assim, o desejo de ser retribuída fazia-lhe perder o pouco de bom senso que restava.

Pensar em Danilo era assim, fazia-lhe ter ideias cada vez mais acaloradas para o reencontro, pensar em Danilo era assim, consumidor, envolvente, desafiador.

Danilo

— Ela andou perguntando por você Dan, e pela primeira vez, obtive algum resultado nas conversas — Daniele sorriu observando o colega sentado à frente. Eles estavam na sala de aconselhamentos, cada um de um lado da mesa, e visivelmente recuperado do resfriado, o instrutor mantinha-se silencioso na cadeira almofadada. As pernas estavam entreabertas, a regata colava ao peitoral, e no shortinho franzido, suas coxas delineavam um belo contorno. Danilo era tão inocente que sequer percebia os olhares de Daniele para aquela região, enquanto mordiscava os lábios, imaginando-se nos braços dele. — Seja lá o que estiver fazendo, continue, posso garantir que está causando alguma diferença.

Danilo apenas sorriu sem jeito para ela. Tinha os olhos fixos na orquídea sobre a mesa, e agitava as pernas sem perceber, descarregando a ansiedade nos tênis. Ele não sabia como reagir à situação, não sabia como reagir à preocupação

com o que Nick fizera.

Em casa, o instrutor até buscou esquecer o que ocorrera. Tentou convencer-se de que o beijo roubado fora apenas coisa de sua cabeça, mas agora, retornando ao instituto e ouvindo Daniele falar daquele jeito, sabia muito bem que Nick tinha um interesse extra quanto a seu sumiço, e que infelizmente, o beijo não fora delírios causados pela febre.

— *E...* — o instrutor engoliu em seco, limpando a garganta — Ela disse algo mais, Dani?

— Algo mais? Não — A garota sorriu — Somente um pouco sobre a família, e isso porque contei-lhe que a mãe estivera a me procurar. — fez uma pequena pausa — Você não a acha um tanto impaciente?

— Impaciente? — Danilo questionou buscando disfarçar — É, talvez ela seja um pouco — e sequer olhava nos olhos da amiga.

Com os pensamentos temerosos, procurava uma forma de escapar daquele problema, e Daniele, continuava a observá-lo como se percebendo seu nervosismo.

Ele tinha medo de que como psicóloga, ela conseguisse pegar algo no ar, e por isso, depois daquele breve momento em que fora forçado a acompanhá-la em um café, erguera-se de supetão, tomando a mochila aos pés da cadeira.

— Dani, preciso ir — ele explicou observando-a também erguer-se — Em minutos o sinal vai tocar e preciso me preparar para as primeiras sessões — explicou observando-a dar a volta ao redor da mesa, a fim de acompanhá-lo até a porta. Procurou seguir na frente, para disfarçar.

— Tudo bem então Dan. Reencontramos-nos no almoço?

— Desta vez não vai dar. Vou aproveitar o horário para ir até a faculdade e entregar o trabalho atrasado.

— Ah. É verdade — ela sorriu sem graça, parada à porta, observando o movimento no corredor. — No fim do horário então, quem sabe? — Ela sugeriu, e ele sorriu constrangido.

— É, no fim do horário podemos tomar um sorvete.

— Combinado. Eu pago — Ela disse por fim — Então até logo instrutor — ensaiou dar-lhe um beijo na bochecha, mas antes de poder fazê-lo, Danilo afastara-se.

— Até logo psicóloga — Despediu-se dando de ombros, e sumiu na curva adiante.

Daniele ficou para trás com um sorrisinho bobo, e então entrou a preparar seu ambiente.

Ao chegar ao ginásio Danilo entrou no vestiário, e desta vez teve o cuidado em conferir cuidadosamente se estava realmente sozinho. Só então guardou seus objetos no armário e dirigiu-se à ducha. Infelizmente o banho já não fora tão agradável como antes, com os pensamentos revoltos, mantinha a atenção voltada exclusivamente aos movimentos além da porta, procurando identificar qualquer ruído suspeito lá fora.

Enquanto lavava os cabelos sentindo a ducha levar a espuma pelas curvas, mantinha os olhos fechados, recordando-se detalhadamente de tudo o que ocorrera ali.

Alguns arrepios subiam-lhe pela espinha, especialmente quando erguera a cabeça, começando o aquecimento dos ombros e pescoço.

Ainda envolvido pelo jato de água morna que lavava o suor, ele enxaguou o tórax e abaixou os olhos em direção aos pés. Respirou fundo tentando se acalmar, respirou fundo enxaguando o peitoral. Isto não podia estar acontecendo com ele, era errado, era errado e não podia permitir.

Nick

“O equilíbrio de corpos rígidos ocorre quando a força que atua no corpo, e a soma dos momentos em relação ao polo, forem nulas. Em uma massa específica...”

As horas pareciam não passar. O professor de física falava e falava, mas apenas Kaylane parecia realmente compreender as fórmulas que eram solucionadas na lousa. Com a caneta azul brincando entre os lábios, Nick mantinha o foco no corredor, atenta ao deslizar das cadeiras de rodas e alunos com próteses caminhando de um lado para o outro, sem conseguir deixar de recordar-se outra vez da textura dos lábios dele.

Seu estômago estava virado do avesso desde o domingo, e vez por outra tentava concentrar-se na lição a fim de se acalmar, mas aquilo estava impossível.

Com as imagens de Danilo afetando sua concentração e circulação sanguínea, ela sabia que tiraria uma péssima nota na avaliação que estava por vir. Aqueles exercícios eram uma revisão fundamental, e ela estava literalmente ferrada.

— Não foi tão difícil assim, concorda? — Kaylane questionou sorridente apagando algumas linhas que escrevera errado.

— *An?* — Nick a observou, parecendo tentar se situar — Ah, Sim, sim... — murmurou olhando ao redor, tentando entender a graça em algo que o professor falara e fizera a classe sorrir. Foi quando a amiga ajeitou o óculos, e fitou seu caderno ainda em branco.

— E você, não está copiando por quê? — questionou surpresa com sua falta de atenção — Deste jeito vai se dar mal. Já tem duas semanas que está no mundo da lua. As duas semanas mais importantes do bimestre.

— Ora Kaylane. Se são tão importantes assim, por que não se preocupa com as suas tarefas e se esquece das minhas?

Foi grossa, e a garota engoliu em seco.

— E você? Por que não para de ser tão grossa pra variar? Deste jeito vai afastar todo mundo, inclusive eu, que já estou cansada dos seus chiliques.

— Chiliques? — Nick a fitou por um momento, decidindo-se a falar algo mais, porém, resolveu se controlar. Os pensamentos perdidos o tempo todo em Danilo eram bons, mas não podia dar-se ao luxo de perder uma das poucas amigas com a qual podia realmente contar. Por fim desculpou-se, abaixando os olhos de volta ao caderno, começando a transcrever os exercícios, e Kaylane, não fazendo questão, atentara-se ao professor que começava a resolver uma nova equação.

Afinal, o que diabos todos tinham que não podiam cuidar da própria vida? Em casa era a mãe, na sala Kaylane, e após o intervalo a psicóloga forçadamente gentil. Precisavam mesmo ficar falando e falando a fim de jogá-la para baixo? Não podiam cuidar dos próprios assuntos pra variar?

O coração ainda batia ansioso e os pensamentos só giravam ao redor daquele beijo. Questionava-se interiormente se desta vez reencontraria Danilo no ginásio, e se acontecesse, como seria sua reação. Ela até pensara em não comparecer aos exercícios, dar uma desculpa qualquer, mas, do que adiantaria? Se não fosse agora, seria depois. Querendo ou não, uma hora o reencontro teria que acontecer.

Danilo

O instrutor ajudou a jovem que usava prótese a se acomodar em sua cadeira

às margens da piscina. Ela era uma moça bastante divertida, e sempre que chegava aos exercícios podia esperar para dar muitas gargalhadas. Por mais que a moça não tivesse o movimento das pernas, nunca demonstrava baixo astral. Sempre estava com um sorriso estampado no rosto, servindo de exemplo aos demais estudantes. A cadeira de rodas era totalmente enfeitada com adesivos cintilantes que ela fizera questão de escolher onde deveriam ser afixados, e a mochila personalizada com vários botões de séries de TV, demonstrava que era uma fã alucinada por *The O.C.*

— Então nos vemos na quarta-feira Ananda?

— Nos vemos sim seu instrutor bonitão — ela zombou uma vez mais, fazendo-o menear a cabeça.

Danilo se despediu da moça dando-lhe uma piscadela, espreguiçou o dorso a fim de descansar um instante, e imediatamente avistou na entrada do ginásio a paciente das quatro horas.

Sentiu as pernas tremerem, e como que num reflexo, virou-se a observar a cintilância das águas azuladas, um desconforto remoendo o baixo ventre.

Aquela era a primeira vez que via Nick desde o vestiário, estava nervoso, porém precisava se controlar e fingir que nada havia acontecido. Ele deveria confiar em todo aquele mantra que viera rezando desde que se vestira e deixara o apartamento: “Nick é apenas uma garota carente que não aprendeu a lidar com as emoções. Nick estará constrangida. Nick fingirá que nada aconteceu”.

Recuperando o ar, Danilo buscou emoldurar o melhor sorriso e virou-se outra vez, vacilante, observando-a parar próximo à espreguiçadeira, removendo a camiseta. Caminhou até lá, e com bastante naturalidade, pôs-se a cumprimentá-la.

— Bom dia Nick — Um nó apertou a garganta.

— Bom dia Instrutor.

Ela parecia constrangida, e era exatamente aquilo que Danilo esperava, que Nick houvesse compreendido o nível de gravidade em sua atitude. Então, um pouco mais aliviado, ele reclinou-se à cadeira a fim de auxiliá-la com a saia.

A este momento Nick já estava abaixando-a e Danilo tinha a estranha impressão de que o fazia em câmera lenta exclusivamente para que reparasse em seus movimentos. Isto fez o nó retornar à garganta, e ignorando o gesto, agiu naturalmente, como sempre fizera.

Ele precisava concentrar-se em seu serviço, deixar de paranoia. O que acontecera naquela manhã fora apenas um descuido que não se repetiria, um

descuido provocado principalmente por estar com os sentidos anestesiados pela febre. Ele sabia muito bem da fragilidade emocional dos estudantes do IAPNE, precisava relevar o ocorrido, apenas seguir em frente e ignorar.

Já dentro da piscina, teve que quebrar o silêncio:

— E então Nick, como foi o fim de semana? Seu pai veio mesmo visitá-la?

A garota sentiu a água acolhendo o corpo, as mãos aquecendo apoiadas aos ombros do instrutor, que a ajeitava às boias.

— Desta vez não, aconteceu um imprevisto.

— Ah, que pena. Ele é um homem muito ocupado, não? — Danilo esboçou um sorrisinho olhando rapidamente para seu rosto, e então, percebendo os olhos cruzarem, voltou a atentar-se às pernas que estivera a ajeitar. Seus dedos comprimiam os dedos de Nick quando em um toque macio, erguera seu pé à altura da cintura — Quero dizer. Você disse que ele trabalhava em uma empresa de telefonia.

Nick respirou tentando se controlar, e então, a exemplo de Danilo, buscou agir com naturalidade. Os olhos mantinham-se fixos nas mãos do instrutor e seu coração palpitava acalorado, no desejo íntimo de que ao menos uma vez o cérebro pudesse compreender aquele estímulo tão simples.

— Alguma coisa aconteceu com o programa da administração, e ele teve que refazer várias planilhas.

— Compreendo.

— Mas disse que virá na próxima semana, estamos esperando notícias.

Danilo abaixou a perna da garota com muito cuidado, apoiou o pé dela ao fundo da piscina, e ergueu a seguinte, flexionando o joelho contra o peitoral, massageando os nervos vagorosamente a partir do calcanhar.

Ele diria algo, porém Nick o interrompeu.

— E você Danilo? Como foi o seu fim de semana?

— Acamado — o instrutor procurou sorrir, seus dedos alongando os dedos miúdos do pé branquelo, cuidadosamente para não causar dor, mesmo sabendo que Nick não sentiria nada caso fizesse algo de errado.

Os ombros largos pontilhados por sardas moviam-se no sentido da respiração, escorrendo as gotinhas de água que o umedecia, e os lábios rachados ardiam, provavelmente causados devido à febre.

A pele de Danilo estava tão bronzada naquela tarde, que chegava a dar vontade de arranhá-la com as unhas, os dedos de Nick chegavam a tremer com aquele desejo de acariciá-lo com delicadeza, então foi interrompida pelo

prosseguir do instrutor:

— Peguei um resfriado muito forte, acho que nunca tive delírios tão estranhos — ergueu os olhos um instante, sorridente.

— Existem alguns delírios bons de serem sentidos — a garota exclamou, e engolindo em seco, Danilo corou abaixando o olhar — *Digo* — Nick tentou remediar — li em algum lugar que a febre afeta nosso cérebro, reproduzindo as cenas que mais marcaram nosso dia. Assim, se você esteve focado em descascar cenouras, serão com cenouras que irá delirar, mas se focou exclusivamente em alguma outra ação, será com ela que vai sonhar.

— Descascar cenouras? — O instrutor murmurou forçando graça naquilo — Você anda assistindo muitos programas culinários.

Nick retribuiu o gracejo, e agora Danilo pegara-se silencioso outra vez. Mantendo a cabeça reclinada, fitava atentamente o pé embranquecido da paciente, massageando ao redor de seu tornozelo, subindo em direção à panturrilha, colocando mais força ali para remover a tensão.

Ele sentia a curva da batata da perna de Nick rígida, e sentia a força que a garota empregava em seus ombros para manter-se ereta na água.

As boias estavam começando a se afastar, e mesmo recostada no pequeno degrau submerso à borda da piscina, logo Nick não aguentaria permanecer naquela posição.

— Aqui. Vamos deitar seu corpo um instante.

Danilo havia apoiado o pé que massagara no fundo da água, e agora, tomando-a firmemente pela cintura, preparou-se para ajudá-la a se deitar, a fim de flutuar.

Quando Nick afastava-se de seu corpo, rendendo-se vagarosamente à água, Danilo sentiu as mãos dela deslizarem levemente por seu peitoral, acariciando-o ali, do pescoço ao mamilo, rápido e discretamente.

Ele sentiu um arrepio subir pela região, a boca ficou seca, e a respiração falhou. Aquele toque fora feito de propósito, ele sentira, e isso foi um tanto incômodo.

— Agora feche os olhos e relaxe — Olhando ao redor para atentar-se a quem os observava, Danilo engoliu em seco, ajudando a garota enfim a posicionar-se corretamente. — Procure respirar calmamente, inspirando e expirando, sentindo a água massagear sua musculatura.

Nick obedeceu, e Danilo ficou a guiar seu corpo no boiar sobre as ondinhas calmas da piscina. Nick parecia um corpo sem peso, uma pena. A água a ajudava

a relaxar, e a claridade que entrava pelo teto fazia os cabelos acastanhados cintilar. Apenas seus braços estavam submersos, as mãos acariciando a água levemente.

— Isso. Deste jeito.

Embora tentasse não demonstrar apreensão, Danilo estava com a voz falha. Ele pegou-se a observar o rosto de sua paciente, as curvas finas dos lábios avermelhados e ressecados a exemplo dos seus.

A boca de Nick era pequena, perfeitamente desenhada, quase como se um biquinho apontando para o alto. A musculatura riscava finas linhas verticais, e Danilo desviou o foco dos olhos no exato momento em que ela abriu os seus.

— *Você...* — engoliu em seco procurando recuperar a concentração, limpando a garganta — Você sentiu incômodos enquanto esteve em casa? — olhando para frente, observava os colegas trabalharem sorridentes nas piscinas vizinhas, tentando não demonstrar que as imagens do vestiário retornavam outra vez, o que o deixava sem jeito.

— Poucos. Aqueles estagiários precisam de muito treinamento — Nick respondeu apreciando as mãos fortes abaixo do seu corpo, e Danilo sorriu — Já me acostumei com seu jeito de fazer — ela fechou os olhos delicadamente — É mais sensível, agradável. — Percebeu Danilo corar, então o fixou. Agora os olhares novamente se encontraram, e Nick exclamou — De fazer as *massagens*, instrutor.

Danilo exibiu um sorriso forçado e completamente constrangido, auxiliando-a a erguer-se novamente, buscando dispersar aquela conversa sobre “jeitos de fazer”. Então, tomando suas mãos, a fez apoiá-las novamente na região dos ombros.

Só aí, com a paciente outra vez firme nas boias e recostada na borda da piscina, conduziu-lhe as pernas às novas flexões, movendo-as como se Nick estivesse a praticar um aquecimento para correr.

— É de ouro?

Foi surpreendido quando a mão dela deslizou novamente pelo peitoral, desta vez fazendo a curva de seus músculos, acariciando rumo à divisão central, tocando a pequena correntinha dourada que descasava ali. Danilo franziu o cenho de imediato, e interrompendo o movimento numa pegada certa, cessou o trajeto voltando a recolocá-la na posição original.

— Não tire as mãos dos meus ombros Nick — a repreendeu com veemência — Isso pode desequilibrá-la — a encarou sério por um momento, e a garota

ficou sem graça.

— Perdão — Nick murmurou baixinho, sentindo-o prosseguir com as flexões.

Passaram-se alguns instantes, os pensamentos cheios de vozes, e então a paciente buscou coragem para acariciá-lo outra vez. Nesta, Danilo fazia uma rápida pausa a conferir as horas no relógio, e foi a deixa que Nick teve para procurar a divisão de sua musculatura, tocando a corretinha sobre a qual se referira a pouco.

— Nick — Danilo novamente afastou a mão dela para longe, olhando ao redor, apreensivo — *Por favor, o que pensa estar fazendo?* — Transmitiu-lhe um olhar repreensivo, mas a garota apenas o fixou apreciando o temor nos olhos cor de mel.

— Não sabia que você era religioso Dan. — Suas pupilas dançaram por um instante. Danilo estava irritado e ao mesmo tempo sentindo-se nervoso, o que o tornava ainda mais atraente. Agora, na divisão do peitoral, o pequeno crucifixo repousava de volta ao lugar.

— Foi um presente — ele murmurou reconduzindo-a aos exercícios. Desta vez perdia a coordenação de suas massagens e para tentar se acalmar, viu que aquele seria um assunto pertinente — Ganhei da minha mãe, em minha primeira comunhão.

— Aha. Então você realmente é religioso. — Nick tornou a ressaltar, reparando que a sequência dos aquecimentos ficavam mais agitadas, como se o instrutor a quisesse desequilibrar. — Você estava usando ela... — olhou ao redor conferindo quem os observava, só então sussurrou — *na sua primeira vez?*

Danilo a encarou engasgado, parando imediatamente. Uma professora passava na borda da piscina e eles a observaram. Então, quando ela seguiu seu caminho, Nick esclareceu:

— Refiro-me à sua primeira vez na piscina. Como instrutor.

Sorriu e Danilo respirou nadinha satisfeito com aquele duplo sentido que vinha colocando a cada frase pronunciada. Por isso, apertando seus joelhos com mais força, percebeu Nick apenas observá-los imersos, alheia a qualquer sensação, apreciando apenas a pele ficar avermelhada, apoiada de mau jeito em seus ombros.

— *Sim.* — ele murmurou por fim — Estava — engoliu em seco — É uma proteção trazida de Aparecida do Norte.

Houve um momento de silêncio, Danilo tentando encontrar uma forma de

fazê-la parar com aquilo.

— Eu não sou religiosa — ouviu Nick dizer, procurando manter a seriedade. Havia vários estudantes espalhados por ali — Acho que não acredito nestas coisas sabe?

Danilo sentia a boca seca. O estômago dava nós, e ele percebia qual era a intenção naquela conversa.

— Isso é só uma fase — disse por fim, aflito pelo término do período.

— Acho que não — Nick contestou e ele fez uma pausa para os braços descansar.

— É claro que é — a encarou ajeitando as boias que começavam a escapar — Você vai ver, logo vai passar — então seus olhos novamente se encontraram, dançaram por um instante, e ele respirou fundo olhando para o lado — É só os resquícios da adolescência Nick. Você vai amadurecer.

— Nem tudo são resquícios da adolescência instrutor — Nick retrucou zombeteira, exibindo um sorrisinho ao deslizar a mão levemente pela lateral de seu ombro. Aquilo incomodou Danilo, que voltara a massageá-la. — Tenho dezenove anos, vou fazer vinte. Eu deveria acreditar em alguma coisa, não acha?

Danilo respirou fundo, nervoso. A tensão nos ombros era perceptível. Seu peitoral se movimentava endurecido, e ele tentava disfarçar que percebia as tentativas da garota em ficar mais próxima de seu corpo.

— Você está em um momento de contestação, apenas isso — umedeceu os lábios afastando-a um pouco — Mesmo já não sendo uma adolescente, ainda está na fase de contestar, desafiar, provocar sem pensar nas consequências dos seus atos — ergueu os olhos rapidamente, e houve um momento de silêncio.

Ao redor, somente as vozes animadas dos demais estudantes podiam ser ouvidas, e pretendendo deixá-la flutuando pelos últimos minutos, Danilo a deitou sobre a água uma vez mais, ouvindo-a retrucar:

— Posso fazer uma pergunta indiscreta?

De repente os braços vacilaram e por pouco Nick não afundou. As boias coloridas afastaram-se e alguns estagiários olharam naquela direção.

— Está vendo aí — Danilo a repreendeu baixinho, esticando a mão para puxá-las. Seu peitoral tocando o corpo dela rapidamente — Você não está se concentrando, por isso seu cérebro não está respondendo bem. — chamou sua atenção, mas a garota não interrompeu o questionar:

— Você pensou no que aconteceu, *digo*, aquela manhã no vestiário?

— *Nick* — Danilo respirou assustado, olhando ao redor temeroso.

Pretendera afastá-la um pouco mais dos demais, conferindo a escadinha por onde algumas garotas subiam em companhia de seus auxiliares.

— Que foi? — ela sorriu tranquilamente, apreciando aquela tortura psicológica que o estava fazendo passar. — Eu acho que foi apenas uma reação hormonal — abriu os olhos e tornou a fitá-lo — Você não ficou bolado, ficou? — Danilo a observou um momento, porém, meneando a cabeça, a ignorou, deslizando seu corpo para mais próximo da borda, conduzindo-a ali com o intuito de fazê-la se levantar.

Interrompeu sua próxima exclamação.

— Como está se sentindo?

Nick engoliu em seco, passando água no rosto.

— Ótima — sorriu, observando uma professora passar — Mas, você não vai ignorar minha pergunta? Vai? — retorquiu e Danilo demonstrou-se visivelmente desconfortável, olhando para os instrutores ao redor. Então engoliu em seco.

— Olha, por hoje terminamos — ele a cortou — Nosso próximo encontro é depois de amanhã. — então, a encarou por um segundo — Por favor, não se esqueça de fazer as flexões em casa e manter a boa alimentação.

Nick, no entanto, insistiu:

— Você vai mesmo se recusar a falar sobre aquilo Dan? — sentiu-se constrangida, e resolveu apelar chegando para mais próximo dele — Se você não vai querer falar, tudo bem. Só pensei que, bem, que fossemos amigos.

Então o instrutor não aguentou tanta pressão, e aproveitando-se da distância dos demais, tomou seu pulso por debaixo d'água e pressionou com força, aproximando-se de seu ouvido.

— *Você sabe que existem limites para amizades* — então a soltou, bastante sem graça — Por favor Nicole, por tudo que é mais sagrado, não estrague nossa relação.

Um clima estranho se formara entre os dois. Nick sentiu-se completamente desconsertada com a pressão que ele empregara em seu pulso, e ficara anestesiada.

Só pelo olhar que Danilo a lançava agora, de repulsa talvez, compreendera perfeitamente que o instrutor nunca lhe daria esperanças.

Naquele momento ficara chateada, tão chateada que perdeu completamente o bom senso.

Mas o quê?!...

Danilo encarou de relance a silhueta deslizando, sentiu o coração disparar e vários olhares se voltarem para os dois.

Num instante Nick estava sentada no degrau submerso, bem à sua frente, sentindo a água escorrer pelo corpo enquanto aguardava o sinal soar, e no outro, afundando ligeiramente, como se tivesse escorregado.

Os murmúrios surpresos ecoaram, e num imediato prender de respiração, Danilo afundou em busca dela.

Coff. Coff. Coff.

Nick foi içada e começou a tossir. Danilo ficou apreensivo removendo a água de seu rosto, observando os colegas cochicharem parados, atônitos com o acontecido, então retrucou:

— *Mas o que diabos você está fazendo garota?*

— Dando um mergulho, instrutor — Nick o empurrou irritada, chamando a atenção dos demais que subiam a escadinha — O que foi? — olhou para eles, franzindo o cenho — Uma garota aleijada não pode dar um mergulho também? — murmurou de forma que quem passasse pudesse ouvir.

— *Nick?!* — Danilo a repreendeu pelo chique desnecessário, o coração acelerado, temeroso de que no calor da fúria ela desse com a língua nos dentes. Entretanto, a garota apenas tornou a empurrá-lo, e sussurrou olhando no fundo de seus olhos:

— *Quer saber a verdade instrutor?* — sua voz tremulou, a boca amargando — *Eu odeio quando me tratam como criança, odeio esse lugar, essas pessoas, essa maldita limitação* — praguejou encarando as pernas inúteis, os olhos marejando — E acima de tudo, odeio você.

— *Ei?!* — Danilo a repreendeu mais uma vez, segurando seu pulso com força, surpreso com a repentina demonstração de ódio. Em seu interior, uma acalorada vontade de dar-lhe uns bons tapas se formava, mas se controlou — *Não haja como uma garota imatura, você já não é uma adolescente* — tentava demonstrar-lhe rigidez, repreensão, colocá-la no lugar — *E a partir de hoje, preste bem atenção* — sussurrou olhando ao redor, chegando para mais próximo, sem um pinga de pena das lágrimas que começavam a escorrer — *Não confunda as coisas. Entendeu?*

Aquilo atingiu Nick profundamente, como se Danilo a houvesse golpeado.

Os braços tremeram e por pouco não cedeu novamente. A respiração ficou tensa, a vontade de chorar acentuara, e então o sentiu investir para conduzi-la para fora, porém Nick tornou a empurrá-lo.

— *Nick, pare com isso.*

Ele ficou irritado, pegando-a contra a vontade, o que chamou a atenção de estagiários que passavam ali.

— *Seu idiota* — a garota praguejou, dando leves golpes em seu peitoral. Estavam ao lado da escadinha, por onde vários colegas deixavam a piscina junto a seus supervisores — *Não confundir o quê? Que seus toques me cativaram aos poucos? Que gostei de sentir o calor da sua boca no vestiário?* — Agora Danilo respirava fundo, fingindo não ouvir aquilo. Nick estava louca, e ele precisava tirá-la o quanto antes da água — *Que percebo como me olha? Como me toca de forma diferente? Acha que não reparo que me coloca para boiar, apenas para disfarçar sua ereção?*

— *Mas o quê?!* — Danilo sentiu o coração querer sair pela boca e soltou-a de qualquer jeito sobre a cadeira de rodas. Olhou ao redor com a respiração acelerada, certificando-se de que ninguém ouvira tamanha barbaridade, e nervoso, não conseguira retrucar.

Danilo

Ele entrou no vestiário ofegante e precisou disfarçar, para que os presentes nada percebessem. Nervoso e trêmulo, se aproximou do armário e tentou destrancá-lo, mas na dificuldade, acabara por desistir, e apenas com a toalha seguiu diretamente para a ducha.

Respirando fundo quando a água tocou os ombros, ele ficou ali, silencioso, de olhos fechados e cabeça recostada à parede, tentando recuperar a paz.

“O que diabos Nick dissera? O que diabos Nick estava pensando para ultrapassar todos os limites?”

A sensação em seus lábios era de secura. Seu coração estava acelerado e seu corpo ardia como se estivesse em uma sauna.

O sangue bombeava agitado nas têmporas, a testa estava avermelhada e a adrenalina fora fazendo a vontade de vomitar cada vez mais acentuada.

Ele não sabia o que fazer, não sabia como reagir. Desde que começara a trabalhar no instituto, ainda na época do estágio, aprendera a lidar com as paixões completamente comuns de seus pacientes, fossem garotas ou garotos. Ele aprendera a separar as coisas, não dar esperança, cortar qualquer flerte quando começavam a passar dos limites. Mas agora, no caso de Nick, estava completamente desarmado.

O desejo dentro de seu peito era o de gritar. Estava com aquilo entalado, estava irritado, o peitoral agitado com aquela situação.

Refletindo ele ouviu o barulho da cabine ao lado sendo aberta e então fechada, o movimento naquele horário era intenso, e reparou que eram apenas instrutores, que após pegar algo nos armários tornavam a sair.

Nick não devia ter feito aquilo, a garota de forma desonesta atentara contra sua ética, ela atentara contra sua moral.

A noção de certo e errado, de profissionalismo e saber dividir as coisas. Tudo apertava a garganta de Danilo, fazendo-o ficar sem ar.

Suas têmporas latejavam, e mantendo os braços ainda apoiado na parede, tentava buscar uma alternativa, com a cabeça oculta entre eles.

E o pior, o pior de toda aquela situação, é que a sunga estava elevada. A maldita sunga estava elevada, e mesmo respirando fundo, ele não conseguia controlar a reação.

Capítulo 5

Nick

Seu desespero estava a consumindo. Percebera no momento em que deixara de fazer as refeições, e apenas remexia o prato durante o jantar.

No instituto Kaylane passara a semana a questioná-la quanto o motivo de estar tão mudada, e a noite, a mãe persistia com os interrogatórios.

O nervosismo parecia estar estampado na face da garota e ela explodia por qualquer coisinha.

Na cama, os espasmos voltavam, a hidroterapia não estava ajudando e ela já quase não conseguia dormir. Os tremores jogavam os lençóis no chão, batiam com seu joelho na parede, era um inferno.

Nick sabia o que queria. Ela não se arrependia por estar fazendo aquilo. Cansara-se, apenas isso.

A forma como vinha assediando o instrutor durante as sessões no IANPE eram ousadas demais, sabia, mas não podia negar, ele também a queria.

O corpo de Nick e suas investidas perigosas estavam o fazendo ficar excitado, e Danilo não podia negar. Sob a água, o instrutor ficava excitado com as coisas que falava ao seu ouvido, com as coisas que lhe sugestionava, seus toques salientes, na frente de todo mundo, correndo o risco de alguém perceber.

Será que havia perdido o juízo como vinha lhe falando insistentemente? Será que perdera por completo o bom senso?

Pouco importava. Ela provavelmente não teria uma nova oportunidade como aquela, ela provavelmente não teria coragem de fazer aquilo com outra pessoa, e no que dependesse de seu desejo, Danilo cederia. Desta vez não seria a vida a dar as cartas, mas sim ela.

Danilo

Danilo chegara mais cedo no instituto. Queria uma reunião com a diretora e sabia que a única forma era pegando-a assim que entrasse em sua sala. A

senhora Margareth era uma mulher muito ocupada, e quando estava livre, ele era quem estava ocupado nas piscinas.

Ao chegar à diretoria, surpreendeu-a remexendo algumas pastas nas grandes gavetas do arquivo. Bateu duas vezes, e então a mulher virou-se ajeitando os óculos de leitura.

— Ah Danilo. É você — ela sorriu chamando-o para que entrasse. Assim como todas as funcionárias do IAPNE, Margareth era uma das que não conseguia deixar de reparar em como o rapaz ficava chamativo usando regatas e aqueles shortinhos de praticar esportes. — Sente-se, por favor — ela pediu colocando os óculos de lado e então atentou-se ao instrutor, que se despojando sobre a cadeira à frente da mesa, lançara a mochila ao lado. — E então, em que posso ajudá-lo?

— Os horários diretora — Danilo foi direto, procurando manter-se calmo para que a mulher não fosse induzida a fazer demais questionamentos. Ele havia pensado bastante durante o fim de semana, e via que a única saída era entrar em acordo com a direção — Queria saber se há alguma possibilidade de mudarmos meus horários no instituto.

— Mudar os horários, mas, por que Danilo?

— Estou pensando em fazer um segundo curso de especialização. Para isso precisaria trabalhar apenas pela manhã, e, completaria minha carga horária auxiliando aos fins de semana.

No IAPNE, a comunidade não especial era convidada a participar de várias atividades aos sábados. Para isso, alguns colaboradores acertavam previamente com a diretoria sobre folgas durante a semana, ou flexibilização dos horários, desde que, para uma causa aceitável, como especializações.

— E você ao menos fez sua matrícula? — A mulher questionou e ele se engasgou. Será que Margareth podia perceber o nervosismo? Danilo precisou colocar a mão sobre os joelhos, para fazê-los parar de agitar.

— Ainda não, bem... ainda estou de olho na vaga e...

— Então não há nada concreto — ela disse levantando-se a desamarrotar o vestidinho, alguém chegava à porta do escritório naquele momento — Façamos o seguinte Danilo, procure se informar direitinho sobre este curso, os horários e tudo o mais, e então, somente quando tiver tudo esquematizado e vê que realmente não há outra forma, volte a me procurar. No momento estamos com os horários bastante apertados meu garoto, principalmente por causa das férias de alguns colegas, porém, prometo colocá-lo na frente assim que surgir algo.

O rapaz levantou-se a seu exemplo. Disfarçava a expressão decepcionada, e ao redor do pescoço sentia o calor do nervosismo queimando-o.

— Mas senhora Margareth, e se eu conseguisse trocar com alguém que já está encaixado?

A diretora o fez tomar a mochila que repousava no chão, então o guiou até a porta, com a mão ossuda apoiada em suas costas.

— Acredito que não encontrará instrutor, até porque, não é o primeiro a me procurar este mês. Perdoe-me. Estou tentando ajudá-lo, mas infelizmente será necessário que ao menos a matrícula já esteja feita.

Danilo virou-se uma vez mais fazendo menção de dizer algo, porém a diretora já havia o ignorado, aproximando-se a cumprimentar os dois homens engravatados que aguardavam lá fora.

Sem jeito de interrompê-los, o rapaz apenas respirou fundo, decaindo os ombros, e dando de costas, seguiu seu caminho.

Danilo alcançou o bloco das piscinas e entrou no vestiário sentindo-se sem saída. Havia um nó em sua garganta, e a marca na porta do armário lembrava-o do dia em que esmurrara o objeto.

Ele não sabia mais como reagir, Nick estava cada vez mais abusada, e sempre que tinha alguma oportunidade, lançava-se sobre seu pescoço de forma sugestiva, acariciando seu peitoral, isso sem falar nas duas tentativas indiscretas de apalpar sua sunga por debaixo da água.

Agora ela fazia os exercícios sussurrando bobagens o tempo todo, e Danilo tentava convencê-la a parar com aquilo, mas as teimosias de Nick ficavam cada vez mais intensas.

Na semana anterior à decisão de conversar com a diretora, por duas vezes quase fora pego por um dos instrutores enquanto beliscava a cintura da garota. Precisara disfarçar o mau jeito, fingindo que tudo fazia parte de uma técnica nova que aprendera, e Nick, no entanto, parecia ter prazer naquilo, em sentir a dor do apertão e o nervosismo do instrutor ao tentar explicar-se.

Ele estava atado. Não havia o que fazer. Dias antes chegou a sentar-se por vários minutos em companhia de Daniele, desejando abrir-se com ela sobre o que estava acontecendo, porém não tivera coragem.

Se a história se espalhasse, sabe Deus o que poderia acontecer com sua carreira. Por isso precisava aguentar calado, resistindo às investidas da paciente o máximo que podia, até que já não havia alternativas.

Nick

— Do que você tem medo? — ela sussurrou próximo ao ouvido de Danilo, observando os demais, envolvidos em seus exercícios e gargalhadas. Ao longe, duas estudantes os observavam a cochichar, enquanto o instrutor conduzia os exercícios, com os braços trêmulos e o coração apertado.

— O que você está fazendo é... crueldade — sussurrou na mesma altura de voz, procurando disfarçar para que ninguém reparasse o diálogo que ali era trocado. — Se alguém ir até a diretoria e mencionar esta “aproximação estranha”, eu posso sofrer um processo interno, você sabia disso?

— Você não vai sofrer um processo interno por se envolver com uma aluna maior de idade instrutor — Nick persistia chantagista, seu desejo era morder-lhe o pescoço, como se Danilo fosse seu amante. — E ninguém precisa saber sobre nós.

— Não existe “nós” Nick, você não entende? Minha carreira vai ficar manchada por anos, e possivelmente nunca mais conseguirei um emprego em instituições daqui.

A garota fez silêncio, não queria deixar Danilo nervoso daquele jeito, tão rendido, sem alternativas. Mas, o que poderia fazer?

— Se não for com você instrutor, com quem será? — Nick afastou os olhos um instante das garotas, e fixou o rosto corado do rapaz. Já há alguns dias Danilo não a encarava, e Nick sentia-se péssima por isso. — Essa pode ser a única experiência que eu terei na vida. Sou uma garota deficiente instrutor — ela sussurrou mais baixinho — Quem tem atração por transar com uma garota deficiente? — Danilo engoliu em seco, fingindo que não ouvia aquela barbárie. — Depois disso, prometo nunca mais assediá-lo, prometo até mudar de instituição, se você desejar — Os olhos se encontraram por um instante, mas Danilo nada disse. Apenas tomando-a pela cintura, ajeitou seu corpo sobre a água, fazendo-a boiar.

O sol do entardecer perpassava o teto do IAPNE e cintilava nos cílios dourados de Nick, Danilo mantinha-se distante, alheio à sua presença.

— Apenas toque-me instrutor — a voz saiu trêmula enquanto mantinha os olhos fixos a ele — Toque-me, por favor — E então Danilo abaixou os seus, e a encarou a suspirar — Me faça sentir ao menos uma vez que estou realmente

viva, me faça sentir ao menos uma vez, que posso ser desejada por alguém.

Danilo engoliu em seco voltando a observar o distante. As mãos ainda imóveis abaixo do corpo franzino, ajudando-a a boiar enquanto respirava fundo.

Silencioso, tinha o coração acelerado. Engolindo em seco, deixava que Nick sentisse as ondinhas massageando o corpo desnudo. Então, quando enfim o sinal soou, ele tornou a erguê-la.

Era torturante para a garota não receber uma resposta. Danilo apenas mantinha-se mudo, falava pouco, quase não retrucava. Agia como se ela não estivesse ali, como se seu corpo, agora erguido novamente nos braços, não passasse de um fardo que devia carregar semanalmente, um fardo pesado demais que precisava aguentar pelo bem de sua carreira.

Ela pensou em dizer algo mais, porém engoliu em seco. Observando os colegas se retirando aos poucos, agitados e bastante sorridentes, respirou sofregamente, observando Danilo acomodá-la outra vez na cadeira de rodas, e então, dar de costas a recolher vagarosamente seus objetos na espreguiçadeira ao lado.

O movimento ia ficando cada vez menor, e quando ambos pareceram isolados, Danilo aproximou-se, e desta vez Nick sentiu-se constrangida pelo olhar silencioso, então veio o questionamento que lhe fizera o coração acelerar:

— Se eu ceder — ele dissera engolindo em seco, olhando para a entrada afastada e tornando a ela — Digamos que, se eu aceitar sua proposta, você promete pela sua família, que nunca mais tocar neste assunto?

Danilo

Não havia outra forma. Deus era testemunha de que tentara tudo o que pôde. Agira de jeito rude, ignorara as investidas, tentara mudar de horários, remanejar sua responsabilidade para outro instrutor. Deus sabe o quanto tentou, mas, de nada adiantou.

Estava temeroso, era verdade. Sentia que alguém poderia perceber o que acontecia a qualquer momento, principalmente Daniele, que vivia a cercá-lo para saber notícias sobre a paciente.

Ele se encontrava entre paredes que o comprimiam a cada negativa, a cada resistência de sua parte. Precisava daquele emprego mais que nunca, precisava concluir sua especialização, e não havia outra forma a não ser render-se aos

pedidos insistentes da garota. Era isso ou correr o risco de serem descobertos, de ser mal compreendido a qualquer deslize.

Temia que Nick em alguma de suas crises infantis contasse para alguém sobre o episódio no vestiário, sobre ele ficar excitado na piscina. E afinal, quem deixaria de acreditar em uma pobre garota deficiente, incapaz de agir por si só, para dar crédito à versão de um homem solteiro e forte o suficiente para resistir às supostas investidas de um cadeirante?

“Seria apenas uma vez” — ele tentava convencer-se — “Apenas uma vez e Nick não fará novamente. Ela prometera”.

Agora, novamente no apartamento, Danilo jogara a mochila sobre a mesinha de centro, e as chaves sobre ela, despojando-se sobre a cama bagunçada após remover os tênis, a fitar o teto sombreado pela noite. Ao fundo, podia ouvir o som da geladeira e dos carros movimentando-se na avenida frente ao prédio.

Ele buscava alternativas, era a última tentativa antes de dar o pontapé inicial para aquela loucura, mas, simplesmente nada encontrava.

Respirando fundo, tomou o celular no bolso, deslizou o dedo sobre a tela, e agora, acessando o aplicativo de mensagens, observou-o por um instante até começar a digitar.

Sentindo um calafrio envolver o pescoço e um desconforto no estômago, pressionou a tecla enviar e observou a garota ficar online:

“Amanhã à noite, tudo bem?”.

Ele dissera.

Nick

Ainda não acreditava nas linhas que seus olhos desbravavam. Leu e releu a frase duas, três vezes, mas ainda assim achava estar alucinando.

Danilo, seu instrutor adorado, seu Deus, dominador dos sonhos, pensamentos e desejos mais profundos havia enfim aceitado sair com ela.

Nick respirava hesitante, um largo sorriso estampava os lábios, e a mão tremia enquanto observava a mãe descarregar as compras que fizera no supermercado.

Danilo, *Ah Danilo*, seu instrutor. Ele havia aceitado, ele havia aceitado a proposta, a missão de fazê-la sentir-se “viva”. E o mais emocionante em tudo

isso é que ainda era sexta-feira, que o instrutor sequer estendera aquele assunto por mais tempo, que ele sequer quisera discutir os termos do “acordo” de forma mais detalhada.

Ah, Danilo. Danilo que arrancava-lhe suspiros na madrugada, Danilo que fazia seu coração acelerar a cada novo encontro, contato, sussurro. Danilo que estava do outro lado da cidade, a aguardar uma resposta que só viria minutos depois de Nick trancar-se no quarto, jogar a mochila sobre a cama e aproximar-se da janela a observar o movimento lá embaixo.

“É claro que sim, não vejo a hora”.

As mãos ainda estavam trêmulas, o coração acelerado, o sorriso forçando os lábios enquanto aguardava a contrarresposta.

Lá da rua, podia ouvir o som dos carros passando na avenida, dos vizinhos chegando de seus serviços, do porteiro rindo de algo que um garotinho contara-lhe sobre o dia.

Tornou a abaixar os olhos para o smartphone, e conferindo o diálogo outra vez, sentiu o aparelho vibrar.

“Estou pensando em levá-la a um lugar afastado. Será que seus pais permitirão?”

Nick ainda tinha dificuldades em acreditar que as mensagens vinham realmente do perfil dele. Conferiu uma, duas, três vezes a foto. Acessou uma, duas, três vezes as informações do contato.

Não havia dúvidas, estava realmente conversando com Danilo, planejando uma noite com ele, com seu instrutor de hidroterapia.

“Qual lugar?” — Questionou aguardando respostas.

“É surpresa” — Danilo respondeu engolindo em seco, decepcionado pela garota não ficar constrangida com a menção aos pais. Sentia-se cada vez mais nervoso por ter aceitado aquela loucura.

“Tudo bem” — Nick respondeu tornando a olhar para a porta trancada — *“Mas, o que devo fazer?”* — questionou apreensiva, era seu primeiro encontro e não tinha a menor noção de como proceder.

“Vou passar para pegá-la às seis e meia. Apenas esteja pronta, tudo bem?”

Agora a garota sentia vontade de vomitar. Tudo estava saindo perfeito demais, um sonho, a realização de um sonho que tivera mil vezes antes, e nunca imaginara um dia poder realizar.

“Combinado instrutor. Estarei esperando”.

Danilo visualizou, mas nada respondeu.

Mantendo os olhos fixos à tela, os ouvidos à sala, e o coração bombeando

acelerado, Nick o percebeu ficar off-line e não mais retornar. Explodindo em emoções, desligou o aparelho colocando-o sobre a cama, e olhando lá para fora, respirou fundo, admirando a lua despontar acima dos prédios, clareando a noite.

Aquilo era real? Ela iria mesmo sair com seu instrutor de hidroterapia? *Oh, céus!* Ela iria mesmo *transar* com seu instrutor do IAPNE?

O sorriso ainda esticava os lábios, as mãos permaneciam trêmulas e ela respirava aflita.

O que precisava fazer? O que precisava fazer antes daquele momento chegar?

Girou a cadeira para um lado, então para o outro. De repente o quarto pareceu enorme, sentia-se perdida, desorientada. Talvez devesse escolher uma roupa apropriada? Ou então, uma peça íntima legal? *Não, não, não.* O melhor era ir tomar um banho, *sim*, lavar-se bem e então depilar a região íntima, mas... *Oh, Deus*, ela nunca se depilara antes.

Okay. Calma. Isso podia ficar para depois, ainda dava tempo. Agora era pensar em como venceria a barreira chamada mãe, ela sem dúvida daria um pouco mais de trabalho, sabia. Faria mil perguntas como costumeiro, mas, poderia dizer-lhe que iria ao cinema, esta sempre colava, ao menos nos filmes.

Girou a cadeira para frente do computador, parou um instante observando a tela reiniciar, lançando a claridade sobre o corpo. Ela não sabia o que fazer, por onde começar.

Voltara para a janela, ficou a observar o movimento enquanto refletia sobre tudo o que estava acontecendo. Os carros continuavam passando apressados frente ao prédio, o ventilador às costas refrescando o ambiente, e o coração apertado, as entranhas dando nós.

Puts. Como se portaria quando estivessem na cama? O que faria para dar prazer a um homem tão grandalhão como Danilo?

Voltou ao computador, digitou no Google vários termos de busca. Queria saber o que fazer para não passar vergonha, queria saber o que fazer para satisfazê-lo de forma a ser inesquecível.

Mesmo com as mãos trêmulas, umedecidas pelo suor, Nick pesquisava por vários blogs sobre o assunto, sempre com seus “*Dez passos*”. Foi em um destes que uma pop-up surgiu na tela sugerindo-lhe camisinhas.

A propaganda tinha razão — Nick engoliu em seco observando o anúncio — *Será que devia comprar preservativos, ou Danilo é quem se encarregaria de levá-los?* — então respirou fundo, sentindo o calor ao redor do pescoço — *Mas, e se o instrutor não quisesse usá-las? Se Danilo quisesse penetrá-la in natura? Com o membro exposto, sem*

proteção alguma?

Aos poucos foi sentindo a cabeça latejar. Os olhos ardiam, a mãe a chamava para jantar, ela estava em crise, não podia sair.

Respirou fundo, respondeu que estava sem fome, e então, acomodando-se na cama, sentiu o quarto girar, trazendo à mente várias imagens do que poderia acontecer, do que poderia dar certo, do que poderia dar errado.

Aquilo era gostoso de ser sentido, e ao mesmo tempo causava temor. Aquilo devia significar estar viva.

Danilo

A farmácia na avenida comercial estava quieta, porém, mesmo àquela hora, ele sentia-se observado. Talvez fossem os óculos escuros numa noite de luar, ou então sua expressão nervosa enquanto remexia cautelosamente as gôndolas de produtos avulsos.

Barbeadores, sabonetes, escovas e fios dentais. Havia de tudo ali, menos o que procurava. Corado e respirando fundo, o instrutor aproximou-se do balcão, e apenas um senhor de idade estava a atender, inclinado a precificar algo do outro lado.

Ele limpou a garganta quando chamou sua atenção, observando duas garotas entrarem a conversar baixinho, seguindo direto para a prateleira dos absorventes.

— Boa noite rapaz — o farmacêutico disse ajeitando os óculos sobre o nariz — Em quê posso ajudá-lo?

— *Eh. Boa noite* — Danilo tornou a limpar a garganta, olhando ao redor — O senhor por acaso, teria *camisinhas*?

O velho sorriu sem jeito, infelizmente parecia surdo para compreender murmúrios.

— Perdoe-me jovem. Esta manhã acordei com um dos ouvidos entupidos. Você poderia repetir?

— *Okay, Okay* — Danilo aproximou-se mais, respirando fundo, como se o que buscasse ali fossem entorpecentes ou algo parecido — O senhor tem *camisinhas*?

O velho tornou a sorrir sem jeito, ajeitando-se mais perto.

— Por favor jovem, seja mais claro, não consigo compreender.

Danilo perdeu a paciência.

— Puta que o pariu meu senhor — bateu na superfície do balcão sentindo a mão arder — Camisinhas. O senhor as tem? Sabe? Preservativos? Camisa de Vênus?

Olhou para trás rapidamente, e observou que as garotas pareciam constrangidas ao cochicharem desviando o olhar de sobre ele. Corado, voltou ao velho, que curvado completamente sem graça, pegara a caixinha com os envelopes e trouxera à sua presença.

— Perdoe-me rapaz, não precisa ficar irritado — brincou tomando várias marcas, espalhando-as sobre o balcão — Estava apenas precificando, mas, olha só, aqui estão.

Danilo respirou fundo tomando duas marcas conhecidas, e enfiando-as no bolso, puxou a carteira e pôs-se a procurar uma nota de dez reais.

— Sem problemas meu senhor, sem problemas — Deu-lhe o dinheiro, e então agradeceu deixando o lugar sem olhar para trás.

O rapaz sentia um calor infernal queimar ao redor do pescoço e o coração estava batendo acelerado. Fizera a curva na esquina quase topando com um grupo de religiosos que estava ali a distribuir panfletos, e agora, outra vez na calçada de seu prédio, sentia que os transeuntes viravam-se a acompanhá-lo passar.

Teve de apressar os passos, subir sem contar os degraus, e chegando ao apartamento, trancar a porta lançando-se sobre a cama com a respiração ofegante.

Ele precisava ficar tranquilo, aquilo tudo estava deixando-o enjoado, mas em questão de horas chegaria ao fim. Precisava apenas respirar, controlar as batidas do coração. Ainda havia algumas ligações a serem feitas, ligações importantes para um bairro afastado.

Capítulo 6

Nick

Quando a manhã de sábado se fez anunciar, Nick sentiu o coração querer sair pela boca. Era naquele dia. Dali a algumas horas estaria saindo com o cara que gostava, estaria indo *transar* com o cara que desejara por tanto tempo, e que por fim, após tanta insistência, rendera-se às suas investidas.

O corpo chegava a arrepiar apenas de imaginar as sensações conferidas pelas carícias dele, apenas por fantasiar a intensidade que seriam seus toques regados pelo desejo carnal.

Se nas piscinas do IAPNE as mãos de Danilo deslizavam por seu corpo com uma suavidade tal, imagine em uma cama, desnuda, ao seu completo dispor.

O instrutor não havia passado demais informações exceto aquelas por mensagem. Ele iria vir ao apartamento exatamente às seis e meia e a garota precisava estar pronta. No momento, as únicas coisas com as quais Nick tinha que se preocupar era com a higiene, a apreensão da mãe, e a própria ansiedade. O pai viria passar o final de semana em família como havia dito por telefone, e lembrar-se disto a fizera ficar um tanto mais nervosa.

Ela trocou-se vagorosamente, buscando controlar os batimentos cardíacos. Respirou fundo para disfarçar o mau jeito, e girando a cadeira, seguiu para a cozinha onde a mãe estava a cantarolar. Na mesa, torradas com geleia e suco a aguardavam.

Cumprimentou a senhora com um bom dia e deslizou para a vaga reservada, passando a se servir. A mãe permanecia de costas, havia começado a contar-lhe algo sobre o trabalho do pai, mas ela não dera ouvidos, preocupava-se em primeiro lugar com a tremedeira e o desconforto no baixo ventre. Se a mãe virasse agora, perceberia o copo balançando em suas mãos, porém, no exato momento em que o fez, Nick ocultou os braços abaixo do tampo de mármore e disfarçou com a boca cheia de torrada.

— [...] e então eles ainda estão decidindo o que fazer. — a senhora concluiu o que falava caminhando sorridente até a mesa — Você quer que eu faça um

sanduíche?

Ainda mastigando as torradas, Nick mudou o rumo da conversa. Era agora ou nunca.

— Mãe — Limpou a garganta tomando outra fatia de pão — Esta noite pretendo sair com um colega.

Ela a olhou fixamente, parada ao lado da cadeira de rodas, secando as mãos no avental. Nick, no entanto, agia com a maior naturalidade do mundo. Sem fitar seu rosto, continuava a comer des preocupada, analisando a geleia derretida que escorria sobre a torrada.

— Sair com um colega? — a mãe pareceu não ter compreendido muito bem — Esta noite? — Questionou pensando ter ouvido errado, enquanto recolhia os farelos que caíam sobre o forro estampado.

— Sim mãe. Ele vai passar aqui às seis e meia.

A senhora respirou fundo, dando de costas, caminhando de volta a pia. Desde o acidente há treze anos Nick nunca fora de sair do apartamento, seu mundinho resumia-se ao quarto, computador, IAPNE e no máximo, fins de semana acompanhada pelos pais. Então, olhando para a paisagem além da janela a senhora voltou a ensaboar os pratos.

— E... — ela demonstrou hesitação — Aonde vocês vão? *Quero dizer*, é algum lugar aqui perto?

No fundo, seu maior receio não era tanto o de Nick sair com um amigo, mas sim, de que tivesse alguma dificuldade no caminho ou passasse por constrangimentos desnecessários. Uma coisa era ela sair em companhia dos pais, que já conheciam todos os pormenores que poderiam acontecer nos ambientes que frequentavam, outra, em companhia de alguém desconhecido, provavelmente com a mesma limitação que ela.

— Ao cinema.

Então a mãe se virou.

— Ao cinema? — esboçou um sorriso nervoso procurando agir com a mesma naturalidade que Nick tratava o assunto. A filha andava muito arredia ultimamente e ela não queria causar uma briga logo cedo, porém, sabia que o cinema mais próximo ficava há uma boa distância dali — Mas, Nick, seu pai está vindo ficar conosco filha. Não seria melhor adiar esse passeio...

— *NÃO MAMÃE* — a garota pegou-se a protestar de supetão com os nervos aflorados, e observando o mau jeito explosivo, engoliu em seco — *Quero dizer* — respirou fundo tentando acalmar a ansiedade — O filme que vamos

assistir é um lançamento, queremos vê-lo na pré-estreia.

A senhora respirou fundo, olhando para a sala, então voltou às suas tarefas na pia.

— *E quem...* quem vai acompanhá-los? — questionou e a garota corou. Sabia que esta pergunta não demoraria.

— Vamos sozinhos — Respondeu sentindo-se uma adolescente que precisava de uma babá.

— Mas filha, — A senhora tornou a se virar, deixando a preocupação evidente — você não acha que pode ser complicado sair sozinha com um amigo, principalmente em um fim de semana tão agitado? — limpou a garganta — *Quero dizer*, ele também é especial, não é? As ruas não são adaptadas para cadeirantes, e...

— Mamãe — Nick a interrompeu colocando a mão na cabeça, tentando controlar a impaciência — Relaxa — a encarou — É só um cinema, okay? E não, ele não é deficiente — tomou uma nova torrada e levou aos lábios a fim de abafar a próxima fala — Ele é o meu instrutor de hidroterapia — afastou a fatia, ainda com a boca cheia — o Danilo, lembra-se? A senhora o viu uma vez quando foi conversar com a psicóloga.

A mãe a fitou novamente, então meneando a cabeça voltou aos pratos. Ela não sabia como reagir, não estava preparada para aquilo. Nick nunca demonstrara interesse em sair com outras pessoas que não fossem os pais, era como se tivesse medo de constranger alguém, medo do mundo. Entretanto, ao menos a tal companhia era alguém que sabia lidar com sua “dificuldade”, e pelo pouco que conhecia da reputação do rapaz instrutor, procurava acalmar-se, embora ainda estivesse a desejar conversar com o marido sobre aquilo.

— *E...* qual filme vão assistir? — questionou e a garota engasgou com o suco. Ela não havia pensado naquilo.

— Aquele que o anúncio passa o tempo todo na televisão — jogou verde lembrando-se de Kaylane, torcendo para que a mãe acreditasse.

— A comédia romântica? — ela virou-se com um sorrisinho esboçado a muito custo — Legal. Mas, a que horas retornam? — disse gaguejando, e a garota tornou a encará-la.

— Mamãe, por favor. — Procurava ser compreensiva, sabia que tantas perguntas deviam-se à sua mania de superproteção — Eu sou maior de idade, moro em uma cidade que tem serviço de táxi, e estarei em companhia de uma pessoa acostumada com meu... — ela diria problema, mas achou melhor ser

mais delicada — bem, com minha deficiência. Não há motivos para ficar tão ansiosa.

— Eu sei Nick, mas, é que... nossa filha, você quase não sai, e eu... bem...

— Mamãe — ela a repreendeu novamente — Apenas relaxe, okay?

Danilo

Os exercícios começaram logo cedo. O sol sequer havia rompido as nuvens quando começou a correr pelas avenidas em direção ao parque municipal.

Desde a noite Danilo estava assim, bastante inquieto. Embora houvesse deixado tudo pronto, temia que algo saísse errado, que algo saísse de seu controle, que de alguma forma todo o instituto ficasse sabendo.

“Nick era uma de suas alunas. Uma de suas pacientes. Um de suas pacientes especiais” — os pensamentos o condenavam conforme se exercitava, sem interromper o ritmo, sem atentar-se aos demais que passavam às laterais — *“Afiml, como fora se tornar refém desta forma? Como fora cair na lãbia de uma garota bem mais nova que ele?”*.

Danilo sentia o suor umedecer a gola da regata, os braços arderem ao sol, e respirava fundo a cada nova curva. Estava de óculos escuros e boné, para que ninguém reparasse o nervosismo, e no fone de ouvido uma música agitada tocava em alto som, tentando afastar os pensamentos, o que visivelmente não estava funcionando.

“Seria apenas uma vez” — ele suspirava como num mantra, sentindo o suor escorrer pelo pescoço — *“Apenas uma vez e ela nunca mais tocará no assunto”* — No fundo ainda mantinha esperanças de que algo acontecesse até a viração do dia, algo que pudesse livrá-lo daquela senda, mas pelo visto uma providência divina não chegaria como esperado.

Após o almoço retornou ao apartamento, descansou algumas horas e tentou fazer trabalhos atrasados que deixara acumular. Sobre a mesinha de centro, rente à cama na qual estava sentado, os livros e cadernos repousavam ao lado do celular. Algumas latinhas vazias de cerveja foram apoiadas próximo, e vez em quando ele puxava o aparelho a fim de conferir as horas. Os minutos pareciam passar vagorosamente, brincando com sua cara, apenas para deixá-lo mais nervoso.

Hesitante, ele abria o aplicativo de mensagens e acessava a inbox dela, onde

começava a digitar uma desculpa qualquer para desmarcar a loucura, mas quando iria pressionar a tecla enviar, pensava duas vezes e desistia.

“Devia haver alguma alternativa, alguma outra forma de parar aquelas chantagens” — Danilo sentia a cabeça latejar — *“Devia haver alguma solução, em algum lugar, mesmo faltando apenas duas horas para o momento marcado”* — Sentia o frio no baixo ventre.

Levantou-se. Não conseguia pensar direito, se concentrar. A única solução que lhe parecia plausível era pedir demissão. Porém, render-se a isto seria injusto, seria jogar toda uma vida na lixeira, tudo pelo que ele batalhara com tanta dedicação.

Se ele, Danilo, perdesse aquela vaga tão cobiçada no IAPNE, teria muita dificuldade em achar emprego semelhante e tão bem remunerado em outro lugar, um emprego tão apropriado, que dava para conciliar com seus estudos, e quanto a Nick? O que Nick estaria pendendo? — Sentou-se na cama colocando a cabeça entre as mãos. O crepúsculo começava a chegar e o clima abafado ficava mais ameno — Nada. Essa era a resposta.

Nick não teria nada a perder com um possível surto de raiva, como os que viera demonstrando na piscina. Pelo pouco que conhecia da garota sabia que vivia muito bem. O pai trabalhava em uma importante empresa da capital, tinha dois apartamentos, carro próprio, e conseguira com amigos influentes que Nick entrasse para aquela instituição, certamente seguido a isto, viria uma faculdade de renome.

Mas e quanto a Danilo? Pelo quê Danilo jogaria toda uma vida pelo ar? Pelos caprichos de uma garota mimada e egoísta, que não aprendera a lidar com as limitações que a vida lhe imporia?

Sentiu-se péssimo por fazer aquela comparação. Sentiu-se péssimo por pensar nela de forma tão mesquinha, e então, deitando-se a observar o teto, refletiu sobre tudo o que Nick viera lhe confidenciando. Ela só queria ter uma oportunidade de estar com alguém, uma oportunidade de sentir-se normal como todas as garotas de sua idade.

Danilo fechou os olhos e quando os abriu o relógio apitava seis horas. Sentiu um nó na garganta, mas precisava se acalmar, precisava entender que aquilo não era um crime, era apenas uma noite de foda.

Tentava se convencer de que no fundo também aproveitaria, afinal, não transava há bastante tempo, e isso poderia libertá-lo daquele estresse acumulado.

Atração não era um problema, desde que Nick passara a tentar apalpá-lo na piscina, pegara-se a aliviar a tensão no chuveiro. Claro que ao atingir o orgasmo

sentia-se sujo, um doente, mas, não podia negar que tinha excitação ao pensar nela.

“Seria apenas uma vez. Apenas aquela noite e nunca mais aconteceria”.

Tornou a rezar seu mantra levantando-se a retirar a camiseta, desabotoando a bermuda.

“Seria apenas uma vez. Apenas aquela noite e nunca mais aconteceria”.

Jogou a cueca de lado, abriu o chuveiro e deixou a água fria molhar o corpo tenso, levando o suor da tarde que se fora.

“Seria apenas uma vez. Apenas aquela noite e nunca mais aconteceria”.

Nick

Com manga ou de alcinhas?

Esta era a dúvida.

De bermuda ou calça jeans?

Não tinha a menor ideia. Escolher uma roupa nunca fora tão difícil.

A porta do quarto de Nick estava trancada há horas, e o calor da cidade entrava pela janela, sussurrando ao ouvido coisas que poderia fazer quando estivesse a sós com ele.

A adrenalina da contagem regressiva era bastante estimulante, e a garota tentava controlar os pensamentos, mas as imagens sugestivas apenas faziam-lhe ficar excitada.

Embora não pudesse sentir, Nick observava que uma cintilante umidade formava-se entre as coxas, conforme remexia as gavetas em busca de algo apropriado.

Estava feliz, muito feliz porque conseguira se depilar no breve período que a mãe deixara o apartamento para ir até o açougue. A senhora até a convidara para fazer-lhe companhia, mas Nick negara, dizendo que precisava concluir um trabalho para entregar na segunda-feira.

Então, quando a senhora deixou o apartamento e ela a observou seguir lá embaixo, passando pela portaria, apressadamente pegou um dos barbeadores, e foi direto para o chuveiro.

Fechou a porta e teve um cuidado especial quando começou a se raspar. Não podia deixar os tufos acastanhados caírem no chão, ou ferir a pele com a

lâmina.

Ela se depilava molhada e com sabonete, os montinhos de pelos ia descartando no sanitário.

A mãe não podia sonhar que estivera a fazer aquilo, se desconfiasse que a garota andara a se higienizar mais que o costureiro poderia ficar a perguntar-se o motivo para tanto “asseio extra”.

De volta ao quarto, ouvindo uma música calma pelo computador, escolhera um dos óleos que ganhara no natal, o espalhara pela região avermelhada a fim de deixá-la mais macia, cheirosa, menos irritada.

Olhando-se uma vez mais no espelho de corpo inteiro, gostara da aparência que vira, da pele tão clara, da virilha tão lisa. Achara engraçado, pois, após remover todos os pelos, o caminho pareceu mais chamativo. Sorriu com aquilo.

Agora Nick não conseguia conter a ansiedade enquanto escolhia a blusa. Quem sabe com estampas? Aquela que comprara pela internet? Ou então algo mais formal?

Afinal, onde Danilo estava pretendendo levá-la?

Ela vestiu-se ouvindo a mãe chegar, e tomando um dos perfumes, decidiu-se após alguns instantes por não usá-lo. Goiânia estava abafada como de costume, e além disso, ela não sabia se o instrutor gostaria da fragrância adocicada.

Estava pronta. Pronta e nervosa. O sol já se escondia, trazendo as sombras sobre os edifícios, e as horas de repente pareceram passar mais rapidamente.

Quando a campainha tocou lá na sala, engoliu em seco. Deixou o quarto manobrando a cadeira, e observando a mãe mover-se pela cozinha, avisou que atenderia. Antes que a senhora pudesse deixar a pia onde estivera a fatiar alguns bifos, posicionou-se respirando fundo, tocando a maçaneta. Era agora, estava na hora.

O coração agitado fazia um frio arrepiar os braços, e então, ajeitando as roupas uma vez mais, girou a chave e deslizou a superfície.

Seus olhos encararam o homem alto, trajado em roupas sociais, que portava uma pequena mala em mãos. Engolindo em seco retribuiu o sorriso e afastando-se, observou o pai entrar.

— Nick? Essa arrumação toda só para me receber? — o senhor curvou-se a dar-lhe um beijo na testa, e Nick, constrangida, manobrou a cadeira para o centro da sala. Foi quando a mãe aproximou-se secando as mãos em um pano de pratos e a garota fechou a porta.

Sua boca amargava, ela esperava sair antes do pai chegar, tudo para não correr o risco de uma negativa, de uma reprovação da parte dele, mas, infelizmente Danilo não chegara no horário combinado.

— Amor? — Observou a mãe dar um selinho nos lábios do homem, afrouxando os botões de sua camisa, puxando os punhos até os cotovelos. — O que houve para enrolar tanto desta vez?

— O voo foi remarcado. Houve problemas com a aeronave — Ele disse virando-se uma vez mais para Nick, que mantinha silêncio, procurando disfarçar o nervosismo. Foi então que voltando à esposa, o pai prosseguiu sorridente: — E então? Como estão todos? — Ambas responderam em uníssono, demonstrando tranquilidade, embora pelo olhar da mãe Nick percebesse que o “segredo” não ficaria entre elas por muito tempo. — Eu tenho uma ótima notícia para vocês — O senhor diria algo enquanto sentava-se na poltrona a remover os sapatos, mas a esposa não aguentou, e dando um passo para mais próximo, precisou colocá-lo a par do que acontecia.

— Nick vai sair esta noite — O marido a fitou, e então, virou-se para Nick — Bem... eu tentei dizer-lhe que você estava vindo passar o fim de semana conosco, mas...

— Mamãe — Nick, irritada, repreendeu-a tentando controlar a ansiedade — Já conversamos sobre isso mais cedo.

Então o pai indagou colocando os sapatos de lado.

— Sair? Mas, para onde?

— Para o cinema pai — ela girou a cadeira a fim de se posicionar um pouco mais afastada do casal — Um colega convidou-me para ir assistir a um lançamento esta noite. Um colega do instituto.

— Mas... — O pai buscou a melhor forma de esclarecer. A ele também parecera uma surpresa a filha querer sair sem sua companhia — Vocês irão sozinhos?

— É o professor de hidroterapia.

— *Instrutor* — Nick a corrigiu, e olhando novamente para o pai explicou: — O Danilo pai, meu instrutor do IAPNE. Minha mãe está nervosa porque pensa que sou incapaz de me cuidar sozinha, que vou dar trabalho, mas, eu já expliquei que o Danilo é experiente com cadeirantes, e que eu não sou um bicho de sete cabeças, que sou uma pessoa adulta, que posso me virar sozinha...

— Nick, Ei. — A mãe chamou-lhe a atenção ao perceber o rumo que a conversa estava tomando.

— Nick nada mamãe — ela a repreendeu sentindo o coração disparado — Eu... eu só preciso que vocês confiem em mim apenas uma vez, pra variar.

— Mas eu já expliquei que não é falta de confiança filha, e sim...

— Excesso de zelo mãe — Nick completou — Eu entendo a senhora — ofegou — mas não dá para pensar que vou passar a vida trancada no quarto, ou querendo sair apenas em companhia de vocês. Puxa gente, eu tenho dezenove anos, eu preciso aprender a viver.

Então o pai entrou na discussão.

— Mas Nick, eu pensei que jantaríamos juntos filha — olhou para a esposa, igualmente embaraçado com aquela situação — Eu queria conversar com vocês sobre...

— Amanhã papai — Nick retrucou movendo a cadeira — Amanhã — procurou controlar a altura da voz — Ou então quando retornarmos. Tenho certeza que até meia noite já estaremos de volta.

— Até meia-noite? — A mãe de Nick ficara ainda mais apreensiva.

— Foi só um modo de falar mamãe — A garota revirou os olhos — É claro que o filme vai acabar antes disso, minha nossa — Dizia, mas no íntimo o desejo era de que o tal “filme” ultrapassasse todos os horários possíveis.

Então, vendo que a discussão poderia ficar pior, o pai meneou as mãos a colocar fim nos murmúrios.

— Okay, Okay, vamos nos acalmar. — ele interrompeu a conversa pressionando as têmporas — Acho que a garota tem razão — virou-se rapidamente para a esposa, trocando olhares com ela, e então prosseguiu — Já é uma moça crescida Nicole, e por mais que seja... especial, não podemos tratá-la como uma criancinha por toda a vida, certo? — observou a garota respirar fundo, e a mãe tentou intervir:

— Mas Ricardo?!

— Não amor — ele disse repreendendo-a — É só um passeio, até o shopping, certo? — então se virou para a garota uma vez mais — E, além disso, estará em companhia do...

— Instrutor Pai.

— Que seja — O senhor retrucou respirando fundo, tentando demonstrar naturalidade no diálogo — Se você está confiante em sair para se divertir filha, se estará entre amigos, isso será ótimo. Mas, sabe que esta casa tem regras, então... nada de chegar muito tarde ou desligar o celular.

A garota engoliu em seco, mas para sua sorte tinha como se safar daquilo

também.

— Desde que o filme tenha terminado — e então encarou o pai que ajeitando os óculos franziu o cenho — Porque eles exigem que o celular esteja no silencioso durante as sessões, ora — sorriu de forma forçada e o pai olhou para a mãe, que meneando a cabeça, deixou a sala e seguiu para a cozinha. O senhor Ricardo percebeu a irritação da mulher, e piscando para Nick, aproximou-se a perguntar se ela precisava de alguma coisa, e então, após a negativa da garota, deu de costas e seguiu até a cozinha, buscando acalmar os ânimos com outro assunto, sobre seu emprego na capital.

Nick voltou para o quarto. As horas passavam, Danilo parecia nunca chegar. A avenida estava movimentada e o relógio sobre a cômoda marcava sete e meia. Nick estava com o celular ligado, o aplicativo de mensagens aberto. Ela esperava alguma posição do instrutor, imaginava que ele houvesse desistido, e sentia o coração apertado por criar tantas expectativas.

Mas afinal, como fora acreditar em tamanha ilusão? — observava sua foto no perfil sentindo um nó na garganta — Danilo devia ter pensado melhor durante a noite, o instrutor devia ter desistido daquela ideia e agora passaria a evitá-la de uma vez por todas.

Desanimada, recostou a cabeça sobre a superfície da escrivaninha, respirando fundo, olhando para os tênis brancos que limpava enquanto se preparava empolgada e então ergueu a cabeça, para a lâmpada no teto, atentando-se a uma mariposa que a rodeava.

A determinado momento, lá da cozinha, o cheiro de jantar levantara-se e quando respirou fundo, girando a cadeira para mais próximo da janela praticamente convencida de que levava um bolo, ouviu o interfone tocar.

Seu coração disparou, o estômago fez um barulho, e em seguida o pai batera na porta a chamá-la:

— Nick? — ela abriu tentando se recompor, ajeitando os cabelos com a respiração presa na garganta — Seu professor está lá embaixo.

Capítulo 7

Danilo conta...

Observar a cadeira de rodas vindo em direção à portaria me fez sentir um frio no baixo ventre. Eu não sabia explicar qual o principal motivo do meu nervosismo naquele momento, se pelo fato de eu, um instrutor do IAPNE estar ali, parado ao relento aguardando pela presença da aluna que eu tiraria a virgindade, ou se pelo homem que a acompanhava às costas, que pela forma gentil de cumprimentar os vizinhos no saguão só podia ser o pai dela.

Por um momento senti-me de volta à adolescência no interior, quando pedi a mão de uma garota em namoro, primeiramente ao seu pai, um chacareiro da região que não fora nadinha gentil comigo.

Recordar-se da cena forçou-me a esboçar um largo sorriso nervoso quando o porteiro liberou a passagem dos dois, e agora, na calçada, a garota parava à minha frente.

— Então você é o professor Danilo? — O pai de Nick questionou-me estendendo a mão. Ele era bastante diferente daquele antigo chacareiro, e seu cumprimento agradável e receptível me fez sentir-se um pouco mais confortável.

— *Instrutor* — Nick o corrigiu, e eu me senti corar, pressionando sua mão com a mesma intensidade que ele apertava a minha. Então, ainda com um sorriso no rosto, me virei para a garota parada a altura da minha cintura.

— E então Nick, tudo pronto? — Engoli em seco trocando um olhar com ela, procurando fazê-la refletir melhor. Quem sabe ali, diante do pai não mudasse de ideia? Mas, para meu desconforto, foi a voz do senhor Ricardo que reverberou antes que a garota se pronunciasse:

— E qual a sessão que vocês pretendem pegar Danilo?

Engasguei sem saber o que responder.

— A das oito horas pai;

Ela respondeu lançando-me um novo olhar confidente.

— E pretendem ir aqui perto?

— No centro senhor. O shopping.

Gaguejei sentindo-me ridículo, e observando meu embaraço, Nick

interrompeu-nos parecendo constrangida com o interrogatório.

— No shopping do centro pai, eu já havia dito isto mais cedo. — retrucou revirando os olhos, manobrando a cadeira para próximo do táxi. Eu sorri sem jeito — E é bom nos apressarmos Danilo, ou acabaremos chegando atrasados — murmurou observando-me deixar o senhor Ricardo e aproximar-me a abrir-lhe a porta.

O pai também se aproximou, mas nada fez, apenas observou-me preparar o banco traseiro para acomodá-la. Foi então que exclamou:

— Vocês não preferem que eu dê uma carona?

Imediatamente Nick virou-se para mim. Ela diria algo, mas trocamos rápidos olhares.

— Não é preciso — respondi erguendo-me — fique tranquilo senhor.

— É pai. Fique tranquilo — olhou para ele com olhar repreensivo.

O pai de Nick sorriu sem graça e então olhou novamente para mim, pude sentir naquele olhar um pedido sincero para que cuidasse da garota.

Assim como vários pais com filhos deficientes, o senhor Ricardo não era diferente, ele temia que Nicole não estivesse preparada para o mundo lá fora, seu instinto protetor falava mais alto, era simplesmente impossível ver a filha como adulta, e naquele momento queria apenas transmitir-lhe confiança, o que me deixava péssimo por não estar sendo sincero sobre o que realmente acontecia.

— Bem, então espero que se divirtam. Qualquer coisa é só telefonar, okay? E se quiser, posso ir buscá-los. Assim terão melhor conforto.

Percebi que Nick engolira em seco enquanto eu a tomava nos braços. Estava muito envergonhada pelo pai sufocá-la, mais envergonhada ainda por tratá-la como uma criança.

Sorri por gostar de vê-la assim, constrangida.

— Não se preocupe senhor Ricardo — disse por fim, após acomodá-la no banco traseiro — Vou levar e trazer a Nick com o maior cuidado possível, juro — olhei para a garota uma vez mais. Ela atava o cinto de segurança enquanto revirava os olhos.

— Vamos nessa? — falou outra vez, odiando todo aquele show de recomendações.

O senhor Ricardo se aproximou alguns passos para visualizá-la melhor, a escuridão ocultava o interior do veículo e a claridade dos postes estava sobre nós. Exibindo um sorriso, apenas a auxiliou fechando a porta, que estava com o

vidro aberto.

— Então, até logo — disse reclinado e Nick retribuiu.

— Até logo pai.

Agora o senhor Ricardo erguia-se a ajeitar a calça, e tornando a pressionar minha mão, acompanhou-me até a porta contrária.

Passando pela traseira do veículo, me parou um minuto:

— Danilo — engoli em seco, minha mente cada vez me condenando com maior intensidade, e meu coração querendo sair pela boca. Será que o pai de Nick havia percebido que ambos estávamos a esconder algo? — Obrigado por isso — Ele completou e eu fiquei confuso.

— Por isso? — procurei esclarecimento.

— Minha esposa me contou sobre as conversas com a psicóloga — me senti constrangido e o frio no baixo ventre se intensificara. Lá de dentro do carro, Nicole reclamava dizendo que iríamos nos atrasar — Sobre suas tentativas de fazê-la se abrir. *Digo*, fico feliz em saber que Nicole está conversando com alguém. Ela sempre foi muito fechada.

Respirei fundo buscando me acalmar, então retribuí seu voto de confiança.

— Nick é uma boa garota senhor Ricardo, só um pouco complexada, mas, isso se resolverá com o tempo — Sorri transmitindo confiança.

— Você está certo instrutor — O senhor Ricardo tornou a apertar minha mão, esboçando um largo sorriso — Espero que se divirtam, e bem, se precisar de qualquer coisa, por favor, não hesite em telefonar.

Nick conta...

Por que meu pai não podia simplesmente parar de me envergonhar? Por que não podia simplesmente agir como se esta fosse uma situação normal, como se eu não fosse alguém tão frágil, alguém ridiculamente dependente para tudo?

Pelo retrovisor do táxi eu podia percebê-lo constrangendo Danilo. Meu pai havia tirado a carteira do bolso e agora o obrigava a aceitar uma ajuda de custo com o táxi, o que o instrutor relutava em aceitar. Eu precisava fazer algo para livrá-lo daquele embaraço, e o fiz.

— Vamos nessa Danilo? Já está ficando tarde — Disse enfim, colocando a cabeça para fora da janela. Já estava sendo constrangedor demais saber que ele só estava ali por causa das minhas insistências, e deixá-lo passar por isso, pelas

garras do meu pai superprotetor, apenas agravava a situação. Se o objetivo de ambos (mesmo que não combinado) era fazer-me desistir, estava começando a dar certo, já que meus pensamentos cada vez se tornavam mais condenatórios, embora eu tentasse afastá-los.

O taxista sentado à frente conferia algo em seu celular, e eu me sentia estremecer, até que a porta foi aberta e Danilo entrou ajeitando-se ao lado. Pude perceber por uma fração de segundos as roupas que usava, antes que a escuridão tornasse a ocultá-lo.

Ele viera ao encontro trajando uma bermuda sarja cor creme, camiseta branca coladinha e tênis esportivo, já eu, vestira uma blusa de alcinhas que comprara pela internet, um short jeans desbotado e o tênis branco.

— E então senhor, para onde vamos? — questionou o motorista.

— Aqui, para este bairro.

Após reclinar-se a fim de entregar-lhe o endereço, Danilo ajeitou-se melhor, colocando o cinto de segurança, e então, em silêncio, atentamos ao veículo manobrando para longe da calçada. Neste momento, tanto meu pai, como o porteiro, os edifícios, e os postes ficavam para trás. A loucura havia começado, e meu coração pulsava acelerado, fazendo um nó formar-se na garganta. Eu havia simplesmente travado, era como um sonho se realizando, e ambos não sabíamos como quebrar o gelo. Foi quando ele murmurou:

— Seu pai é um cara muito legal.

Corei, respirando fundo, tentando me recompor.

— Foi mau por aquilo. Às vezes ele sabe sufocar.

Danilo exibiu um sorrisinho, não conseguindo virar-se para mim, apenas atentando ao visor do seu relógio digital, que parecia acertar com as horas do taxímetro.

— O que mais me irrita neles é esta mania de superproteção, entende? — tentei agir buscando a mesma naturalidade com a qual conversávamos na piscina, antes do beijo no banheiro. Olhando em sua direção, buscava atenção, todavia Danilo estava diferente do cara que um dia conheci. Ele parecia ter dificuldade para falar, parecia evitar me olhar, e eu, procurava mesmo assim colocar aquela noite nos eixos. — Mas, em que lugar iremos mesmo? — questionei após alguns instantes.

— Pensei em comermos algo, conversarmos um pouco, o que acha? — Ele virou-se um instante, encarando-me nos olhos. Eu esbocei um sorrisinho por aquele pequeno gesto amistoso, mesmo ele voltando a desviar o olhar.

— Magnífico — Respondi, ouvindo a música animada que vinha da rádio que o taxista sintonizara — Estou faminta, não deu tempo de jantar.

— Acho que vai gostar do lugar em que iremos. Sempre o visitava aos fins de semana — e então ele esclareceu — Digo, eu e alguns colegas. A lanchonete. O hambúrguer de lá é realmente bom, ou como você disse...

— *Magnífico* — Ressaltei virando-me outra vez para a janela que dava para a avenida, sentindo a brisa bagunçar meus cabelos, a claridade dos postes cintilando em meus olhos, e um largo sorriso estampar minha face.

Se eu conseguisse afastar os temores que teimavam em me amedrontar, tudo daria certo. Se eu conseguisse concentrar-me naquilo que eu desejava com todas as minhas forças, tudo sairia exatamente como planejado.

Danilo conta...

Como ela podia permanecer tão tranquila assim? Como ela podia levar toda aquela situação com naturalidade, como se o que estávamos prestes a fazer fosse algo realmente desejado por ambos?

Nick parecia ter perdido a noção da realidade, parecia estar em um mundo paralelo, alheia a qualquer coisa que não fosse o seu delírio, e eu ainda me sentia péssimo por isso.

Sua forma de falar, de sorrir, de agir, era a de alguém apaixonada, e tudo levava a crer que estava completamente entorpecida pelo próprio devaneio. Quanto a mim, o que me restava fazer? Já havia arrastado aquela situação até ali, até aquelas ruas que nos conduziam para o bairro afastado do centro, até aquelas avenidas mal iluminadas do setor de classe baixa, onde certamente ninguém nos reconheceria.

O meu desejo era tentar pela última vez convencê-la da loucura que tudo aquilo significava, mas, a cada momento em que me virava e observava com atenção o brilho cintilante em seu olhar, me sentia péssimo por me sentir tão atado.

“Seria apenas uma vez. Apenas esta noite e nunca mais aconteceria”.

Eu procurava pronunciar meu mantra em pensamentos, observando o taxista dirigir-se cada vez mais a fundo, para longe do centro iluminado, para o bairro arborizado, de construções simples.

“Seria apenas uma vez. Apenas esta noite e nunca mais aconteceria”.

Observava Nick encantada com o contraste entre as ruas, completamente diferentes daquelas cheias de altos prédios comumente presentes em sua rotina.

“Seria apenas uma vez. Apenas esta noite e nunca mais aconteceria”.

Foi então que para minha ansiedade, a voz do taxista ecoou virando-se um instante para trás.

— O senhor deseja que eu aguarde por aqui? — questionou aproximando-se da rua que estava no endereço que o entregara.

— Não precisa — Gaguejei ao respondê-lo, e agora Nick ajeitava-se melhor, observando que o carro parava rente à calçada da lanchonete que eu mencionara — Vamos demorar um pouco, então, eu procuro algum serviço das redondezas.

— Okay — O senhor respondeu retirando seu cinto de segurança — Vou apenas auxiliá-los com a cadeira. Tudo bem?

Observei Nick remover o cinto de segurança, e a exemplo do motorista, desci a voltar o veículo, parando um instante rente ao porta-malas a pagar-lhe a viagem. Então segui para a porta de Nick e logo o homem se aproximou abrindo a cadeira de rodas ao meu lado, na calçada, e assim, tomando a garota nos braços uma vez mais, a acomodei com o máximo de cuidado possível, sentindo a brisa que vinha das árvores que cercavam a região.

Nick conta...

Apenas uma lenta canção sertaneja tocava ao fundo, em volume baixo, na pequena lanchonete sem movimento. Atrás do balcão o atendente preparava nossos hambúrgueres enquanto sentados na mesa próxima à porta, eu e Danilo olhávamos ao redor, completamente desajeitados, sem saber como proceder.

Já fazia alguns instantes que estávamos assim, sentindo a brisa que vinha da rua e o cheiro da carne sendo assada na chapa.

— Este bairro é completamente diferente do centro da cidade. Como você o conheceu? — Tive de questionar para quebrar o gelo. Sentindo os pelos dos braços arrepiados devido à brisa fria.

— Nos primeiros anos da faculdade, assim que me mudei para Goiânia, eu e um grupo de amigos sempre vínhamos a esta região, curtir as festas que acontecem nas chácaras ao redor. Era divertido, uma forma de aliviar o estresse dos estudos — respondeu tentando olhar para mim, porém, percebi que

conforme as horas passavam, e o momento que nos aguardava se aproximava, ele parecia mais apreensivo a conferir o relógio.

— Aha. Então você aproveitou bastante para namorar naquela época, não foi? — Resolvi apelar um pouquinho, como fizera nas últimas sessões, para ver se assim ele começava a entrar no clima e se soltava mais.

— Não tanto — ele gaguejou repreensivo, olhando em direção ao balcão. A fumaça dos hambúrgueres subia ocultando o atendente — Eu costumava apenas beber. Namoradas nunca fora prioridade.

— Mentira Dan — eu zombei sorridente, ajeitando-me na cadeira — Olha só para você. Com toda esta saúde, com toda esta virilidade. É impossível acreditar que realmente seja um bom moço.

Ele me encarou.

— Você tem uma ideia muito mirabolante sobre mim Nick — confessou aproximando-se, não queria que o atendente ouvisse nosso diálogo — Você tem uma ideia muito mirabolante sobre o mundo, sobre as pessoas — retrucou já não conseguindo conter o que estava entalado — Não é porque eu cuido da minha saúde, porque sou cheio de virilidade, que saio por aí ficando com uma e outra. Eu sou um cara do interior, um cara que aprendeu a valorizar os sentimentos, as pessoas, os relacionamentos... o respeito mútuo.

Senti um nó apertar minha garganta, e sem graça, olhei lá para fora. Ele respirou fundo ajeitando-se, e eu percebi que estava ficando mais agitado, tanto que sua respiração estava mais tensa. Então retruquei:

— Do que você tem medo Danilo? — Ele olhou para mim, apreensivo — Você se sente tão culpado assim por qual motivo? Por foder com uma garota mais nova, com uma cadeirante, ou com uma de suas pacientes?

Ele olhou-me outra vez com aquele olhar reprovador, e então o atendente aproximou-se entregando os lanches.

Disfarçamos enquanto o rapaz distribuía os hambúrgueres, e Danilo o esperou se afastar, para só então resmungar:

— Você sabe muito bem minha opinião sobre tudo isto — disse mordendo seu sanduíche e ainda com a boca cheia continuou a murmurar — O problema aqui nunca fora você ser mais nova, uma cadeirante ou uma das minhas pacientes, o problema aqui é a forma como esta acontecendo, sob pressão. Sobre sua completa insensibilidade em compreender a situação em que isto pode me deixar se alguém descobrir.

— Aha. Então seu temor são as opiniões quando o dia amanhecer — eu

zombei, gostando de vê-lo nervoso — Você já pensou se meu pai descobrir Dan? — murmurei e ele engoliu em seco — Descobrir que ao invés de a um cinema, meu instrutor me trouxe para um bairro afastado, longe de tudo e de todos, apenas para me *foder*? — por cima do hambúrguer eu apreciava seu jeitinho nervoso. Ele olhava temeroso para o balconista, com medo de que o rapaz ouvisse algo, então prossegui — Acho até que ele seria capaz de obrigá-lo a se casar comigo, sabia? — sorri com desdém.

Danilo se engasgou. Sabia que eu estava de zombaria, mas ainda assim parecia levar tudo aquilo muito a sério.

— Você é uma garota malvada Nick — disse cerrando os olhos para mim — E um dia vai encontrar alguém que abaixe sua bola — mordeu o hambúrguer com força, e eu, sentindo o coração cada vez mais acelerado, percebia a agitação de seu peitoral. Danilo ao mesmo tempo em que tentava manter-se sério devido ao embaraço da situação, também respirava pesadamente, nervoso com a rapidez em que as horas passavam.

Danilo conta...

Segui até o balcão e acertei a conta com o atendente. Por mais que eu quisesse estender nosso tempo ali, apenas para afastar um pouco mais aquele momento inevitável, o relógio na parede mostrava que não era uma boa ideia delongar.

Respirando fundo, guardei a carteira e aproximei-me novamente, sentando a observá-la terminar de comer.

Nick havia limpado os lábios, e enquanto tomava o restante do refrigerante, pus-me a encará-la e segurando minha vontade de dizer-lhe algo mais, fiquei apenas fixando-a, para ver se de alguma forma o juízo retornava àquela cabeça perturbada.

Foi quando ela murmurou passando a mão na bochecha:

— Qual o problema? Estou suja de maionese?

Eu permaneci em silêncio, na mesma posição, e então, aproveitando de que o atendente dera uma saída, inclinei-me a murmurar:

— Você tem certeza de que não quer voltar atrás?

Ela respirou fundo revirando os olhos, e então, a meu exemplo, conferiu as horas e retrucou:

— Não é tão tarde assim instrutor. Ainda temos muito tempo.

Eu respirei fundo me rendendo na cadeira. Ela estava literalmente decidida. Não havia o que fazer.

— Nick — disse olhando ao redor engolindo em seco — Você precisa me prometer que nunca contará isso a ninguém. Que nunca voltará a tocar neste assunto, principalmente no IAPNE, e acima de tudo, que o nosso acordo será cumprido à risca. Promete?

Ela me fitou com olhar zombeteiro, e então retrucou:

— Minha nossa instrutor. Este drama todo por causa de uma foda? — eu me senti irritado, então ela prosseguiu — Me responde uma coisa, sempre que você transa, obriga as garotas a assinarem termos de silêncio?

Nick exibiu um sorrisinho deliciando-se com toda aquela situação. Agora, a estranha vontade de estapear-lhe voltava mais intensa, fazendo minhas mãos arderem.

— Prometa Nick — fui incisivo, sentindo meu coração acelerado e a boca amargando, nervoso pelo balconista ter retornado.

— Sim instrutor — ela sussurrou — Eu prometo nunca mencionar que fodemos neste bairro afastado.

Era ridículo, parecíamos duas crianças combinando algo errado. E agora, erguendo-me a ajeitar as roupas, a observei manobrar a cadeira para longe da mesa, ficando mais próximo da saída.

Com minha aproximação pelas costas questionou:

— Aliás, onde você planeja me co... — interrompeu a fala no momento em que olhando para trás, reparou que o balconista se aproximava a recolher as bagunças. Despedindo-se do rapaz, deixou-me tomar sua cadeira e a conduzir para a calçada, guiando-a pelo pavimento, em direção à esquina que havia no fim daquela rua — Onde planeja me levar agora? — ela completou.

— Há um motel na próxima avenida. Já está tudo reservado — disse na mesma altura de voz, sentindo a brisa beijar minhas bochechas, e agora, depois de tanto nervosismo, de tanta negativa e tentativa de afastar aquele “cálice”, sentia meu sangue circular acalorado.

— Eu nunca fui a um motel antes — a garota confessou olhando ao redor, e eu sorri. Era claro que ela nunca havia ido a um motel. Eu mesmo só fora uma vez.

— É neste lugar que as pessoas vão para transar sem compromisso. Você já deve saber.

Percebi que ela sorriu, parecendo satisfeita por me ouvir falar daquela forma mais aberta, e então acelerei os passos, não podíamos demorar mais, não podíamos terminar muito tarde com aquilo, ou correr o risco de que alguém nos visse entrando no lugar.

Fiz a curva na esquina, atento aos arredores, satisfeito pela calçada ainda estar bem conservada, o que facilitava o trajeto das rodas da cadeira. Daquele ponto em diante, a mediana placa de neon já podia ser visualizada com perfeição, destacando o propósito do estabelecimento ao centro da rua: “*Motel*”.

Quando nos aproximávamos da entrada percebi que Nick ficara muito quieta. Sua respiração estava mais lenta conforme a brisa soprava, e parecia hesitante, então, antes de alcançarmos os portões de acesso, senti sua mão tocar meu pulso, e os pelos do braço arrepiaram.

— Danilo — ela disse engolindo em seco, e eu parei, observando-a por um momento. Estávamos em um ponto em que o poste estava com a lâmpada queimada — Eu estive pensando — me reclinei à sua altura, olhando a rua para certificar-me de que ninguém nos observava — Estou feliz por isso, e espero sinceramente que você curta também. Eu, sei que não dá para perceber, mas, eu estou muito nervosa com esta situação, e... — gaguejou, o coração acelerado...

— E? — retruquei observando sua pausa embaraçada — Está pensando em desistir, é isso?

— É claro que não — ela exibiu outro sorrisinho sádico, e eu respirei fundo tornando a me erguer. Em seguida, olhando para os dois lados da rua, reclinei-me ao seu ouvido um momento mais e completei enraivecido:

— Que bom então — empurrei sua cadeira para a entrada do lugar, e ela apreciou minha postura decidida — Porque agora já estamos aqui.

Capítulo 8

Nick conta...

Quando a claridade da recepção foi lançada sobre meu corpo, meu estômago deu um nó. Eu sabia o que queria, mas talvez, por não estar acostumada com lugares assim, me senti um tanto mais nervosa. O fato é que os arrepios ao redor do pescoço ficavam mais intensos, uma tremedeira dominara meus braços, e o coração batia muito acelerado, principalmente quando Danilo deixara-me sozinha a seguir até uma vitrine escura, onde ficava o balcão.

Eu queria transar com ele, queria muito, e disso não me arrependia, mas, não desejei em momento algum que precisássemos chegar a este ponto. Eu pensei que sua opinião sobre mim mudaria ao longo das semanas, que ele pensaria melhor no propósito do beijo roubado, que ele de alguma forma acabaria por gostar de mim, mas, agora, sentindo a pressão daquele ambiente de paredes texturizadas, compreendi o que queria dizer com “sem compromisso”.

Ainda ali, parada a observá-lo pelas costas, percebi quando tocou uma campainha anexa à vitrine, e lá de dentro, minutos após, uma voz afetada ecoou pela pequena abertura circular no vidro:

— Pois não?

Era um rapaz. Disso não havia dúvidas.

— Tenho uma reserva para esta noite.

Ele solicitou os documentos, e Danilo entregou-lhes olhando em minha direção. O rapaz conferiu tudo em um computador que havia do outro lado (apenas a baixa claridade do monitor estava visível), e então, parecendo encarar-me por um momento, vi sua sombra movimentar-se, voltando segundos depois com uma chave que entregou a Danilo.

— Quarto vinte e três. Fim do corredor à direita — ele esclareceu — Produtos do frigobar não estão inclusos na reserva, gostaria de deixar uma quantia de adiantamento pelo consumo? — O observei olhar novamente em minha direção, então Danilo remexeu a carteira, e dela puxou uma nota de cinquenta reais que lhe entregou. O rapaz voltou ao computador, e então emitiu alguns comprovantes, que Danilo pôs-se a guardar no bolso traseiro da

bermuda, dando de costas. Segundos após, quando ele ergueu os olhos para mim, a porta de metal que separava os ambientes fora destravada, senti um frio no baixo ventre. A partir daquele momento todas as oportunidades de desistência haviam cessado.

Danilo conta...

Motel Rendição, certamente era o terceiro nome que o lugar recebera em anos de funcionamento. Quando estive ali, tempos antes, chamava-se *Perdição*, e àquela época não parecia tão bem conservado como agora. Quem me convencera a utilizar o espaço fora uma garota que meus amigos empurraram-me durante uma das festas country que frequentávamos nas redondezas. Eu estava completamente bêbado naquela noite, então, não me recordo muito bem dos detalhes, o fato é que o corredor por onde passávamos agora, não possuía aquela cobertura de toldo transparente, que protegia o pátio do sereno, muito menos as cerâmicas bem niveladas que permitiam uma melhor caminhada pelo local.

Era um corredor bastante espaçoso. De um lado, e do outro estavam as portas dos quartos, lado a lado, cada uma com a numeração personalizada sobre a madeira. Não havia janelas, e além de cada portinha era possível ouvir músicas que embalavam gemidos, que vez em quando soavam altos, perpassando o vão inferior da porta. Isso significava que não éramos os únicos a utilizar as dependências naquele momento.

Nick seguia-me pelas costas, girando a cadeira, observando os detalhes a meu exemplo. A iluminação fraca tinha por objetivo manter o caminho mais discreto, ocultando o rosto dos clientes que não desejavam ser identificados àquele horário.

Ciente de que esta era sua primeira vez em um local assim, me virei um momento para certificar-me de que estava tudo bem. O rosto dela não estava visível, mas pelo girar vagaroso das rodas da cadeira sabia que estava nervosa.

— Tudo bem como você? — questionei reduzindo a caminhada para que pudesse me alcançar. A garota observava as câmeras que havia em uma das paredes, vigiando os clientes que trilhavam por ali.

— Ótima — sorriu e eu percebi um toque de apreensão em sua voz enquanto encarava uma das portas.

— A coisa deve estar boa lá dentro — fiz piada quando a observei atentar-se aos gemidos desnecessários, e meneando a cabeça, sorriu discretamente, e apressei-me a procurar o nosso quarto. Quando o encontrei, oito portas após aquela, me virei uma vez mais a encará-la — É aqui — indiquei-lhe o número na superfície, observando-a respirar fundo — lado direito — murmurei enfiando a chave na fechadura, ouvindo-a ceder — quarto vinte e três.

Nick conta...

Quarto vinte e três.

Engoli em seco quando a porta foi empurrada e a claridade revelou uma vez mais a silhueta máscula do meu instrutor. Suas costas largas estavam delineadas pela camiseta franzida no dorso, os braços bronzeados evidenciavam cada curva esculpida dos músculos trabalhados na academia, e enquanto ele retirava a chave da porta, admirei uma vez mais sua cintura, dando uma bela caída para os quadris, onde a bermuda cor creme pendia para a lateral em que a carteira pesava.

Eu respirava com hesitação quando ele afastou-se alguns passos e liberou o caminho. Meu coração estava disparado, do local em que me encontrava, tinha a visão apenas de uma poltrona em couro disposta no interior do aposento, assim como o tapete felpudo e uma mesinha de centro sobre ele.

— E então? — Danilo disse após alguns segundos, olhando para as câmeras distantes, e então para mim — Vamos? — murmurou nervoso, e aproximando-se me auxiliou.

Mesmo com sua ajuda gentil, demonstrei que queria fazer aquilo sozinha. Colocando força para girar as rodas, desloquei-me do pátio para dentro do quarto, e tremi ao sentir o frescor do ar condicionado contra minha pele.

Eu estava muito nervosa enquanto olhava ao redor. Estacionei a cadeira próxima à mesinha de centro, e reparei que diferente do saguão que mais parecia uma garagem, aquele quarto era bem organizado e acolhedor.

Espaçoso, acomodava ao fundo uma grande cama box de casal. Forrada em lençóis brancos aparentemente macios, era ornamentada por dois travesseiros grandes de pena, e um par de toalhas vermelhas, que dobradas de forma a assemelhar-se com delicados leques, ocupava o centro do colchão. Nas laterais da box havia dois criados mudos, e sobre cada um deles, um abajur de claridade

amarelada banhava a única parede de tonalidade carmim. Ao centro desta parede, mais especificamente sobre a cabeceira, um quadro que tomava toda a largura da cama, exibia a imagem de uma mulher nua deitada de costas, e do forro de gesso sobre nossas cabeças, várias pequenas luminárias clareavam os arredores.

Fiquei um momento mais observando os detalhes, foi quando Danilo terminou de trancar a porta, e aproximando-se, lançou os objetos pessoais sobre a mesinha.

O clima estava agradável, nem frio nem quente, e para ele, com todo aquele corpão, parecia apropriado para ficar mais a vontade, desta forma, despreocupadamente, o instrutor dera alguns passos em direção ao frigobar, e enquanto eu o observava, tocara a extremidade da camiseta e puxando-a, removera pela cabeça, lançando de lado.

Meu coração disparou uma vez mais com a visão daquelas costas nuas. Mordi os lábios apreciando a saliência de seus ossos da costela, conforme ele se espreguiçava, e então o fraco pontilhado de sardas sobre a pele bronzeada.

— Você quer beber alguma coisa? — Ele questionou virando-se para mim, ajeitando a bermuda antes de se agachar, e pude ouvir o estalar de suas juntas enquanto abria a portinha do frigobar.

— Um pouco de água, talvez — gaguejei, passando a mão pelas minhas pernas e pescoço, tentando encontrar uma forma de me sentir mais a vontade diante dele.

— Água?! — Danilo remexeu as bebidas, e ergueu-se com a garrafinha e uma latinha de cerveja em mãos, caminhando até onde eu estava.

Eu pude reparar em seu peitoral aproximando-se dos meus olhos, e em seus mamilos marrons. Sua sombra me cobria, e pude ouvir o som da latinha sendo aberta quando ele deslizou a mão a acariciar a musculatura do peito.

Eu estava tão trêmula que não conseguia romper o lacre da garrafinha. Não conseguia concentrar-me na tampinha, mas apenas na discreta trilha de pelos que descia de seu umbigo tracejando o baixo ventre. Cada fiozinho despenteado parecia convidar-me a observá-los sumir para dentro do elástico da cueca, meio exposta pela frouxidão da bermuda.

Então, com muito esforço e timidez, respirei buscando me centrar. Abri a garrafa e dei um gole, reparando que Danilo afastava-se até a cama, onde se sentou, apoiando a latinha no chão para retirar o relógio que acomodou sobre um dos criados, e então curvando-se, desfazer os laços de ambos os tênis.

— *Eu...* — gaguejei quando pensei em dizer-lhe algo. Pelo que eu podia reparar, Danilo estava se despindo sem qualquer cerimônia, e aquilo mexia absurdamente comigo. A camisa já estava lançada fora, o relógio e o tênis também, agora, apenas seus pés rosados e grandes estavam expostos sobre a friagem da cerâmica limpa. — *Eu...* vou ao banheiro, tudo bem?

— Okay. Vai lá — Ele disse indicando a entrada às minhas costas, e voltando a pegar a latinha de cerveja, deu um novo gole, flexionando o pescoço para remover a tensão.

Minha nossa, minha nossa, minha nossa. Sentia meu coração querer sair pela boca. *Está acontecendo. Está acontecendo.* Sentia minhas mãos tremerem, meu pescoço aquecer, meu sangue circular agitado.

Danilo, meu instrutor de hidroterapia estava do outro lado da porta, aguardando apenas por minha saída, pronto para começar, mas, e eu? Eu simplesmente não sabia como reagir, como proceder, travara.

Aproximando-me da pia a fim de passar água no rosto, tentava recordar-me de algo que havia lido nos blogs sobre “dez passos para”, mas nada, absolutamente nada me vinha à mente naquele momento. E então, sentindo o alívio da água sobre a pele morna, respirei fundo, olhando para o alto, para a lâmpada fluorescente, atentando-me ao som de música que começara a ecoar além da porta.

Danilo assim como os demais clientes do motel, havia escolhido um ritmo para abafar nossos ruídos, uma música que gostava, para embalar nosso momento, para sufocar meus gemidos. Danilo, meu instrutor de hidroterapia estava preparando-se para nossa noite de amor, e eu, não poderia demorar mais.

Danilo conta...

Quando Nick abriu a porta, me virei de propósito, percebendo o seu espanto em pegar-me apenas de cueca, reclinado frente ao som, ajustando o volume da música.

Eu havia me livrado da bermuda assim que a garota entrou no banheiro, e agora a peça descansava sobre a mesinha de centro, junto à camiseta e aos demais objetos que eu trouxera aquela noite.

Eu podia perceber seu mau jeito enquanto observava-me ajeitar o elástico,

coladinho aos quadris, então, dando de costas novamente, caminhei ao frigobar, a fim de pegar uma nova lata de cerveja.

Parando de pé, a dar um longo gole que fez meu pomo de adão subir e descer, retruquei:

— E então. Você está pronta?

Nick permanecia trêmula, tirando os objetos do bolso, e colocando-os junto aos meus. A percebi desligar o celular, e descartá-lo também.

Respirando fundo, murmurou:

— Acho que sim.

— Okay — eu ofeguei a seu exemplo, sentindo minha respiração tensa, meu peitoral agitado — *E você...* — questionei hesitante, abaixando meus olhos a novamente ajeitar o elástico que marcava a cintura — Você tem algum pedido especial? — meus dedos dançavam pela lycra, e aguardando respostas dela, penetrei a mão para dentro, ajeitando o membro posicionado de lado, sentindo-o enrijecer com o afago.

Aquilo certamente era o álcool, o reagente começava a fazer efeito sobre a libido, e agora mais que nunca, meu pau marcava a roupa íntima.

— *Nã...* não — ela gaguejou, parecendo sem ar — ou melhor, apenas se sinta a vontade.

Engoli em seco, e nervoso dei um último gole na latinha, colocando-a de lado. Era agora ou nunca, tudo o que Nick vinha tramando culminava naquele momento, não havia como adiar.

Levando a mão a ajeitar outra vez o membro, a fitei e ela engoliu em seco, então, respirando fundo, dei um passo, e ela viu minha sombra aproximar-se de sua cadeira.

Nick conta...

Foi um susto deixar o banheiro e vê-lo daquele jeito. Mesmo no instituto eu nunca havia presenciado Danilo tão à vontade. É claro que ele sempre estava com pouca roupa, mas nunca cuecas. Portanto, vê-lo com a peça íntima, tão a vontade e coladinha, tornava tudo muito pessoal.

Terminando de tomar a latinha de cerveja, o instrutor deslizara a mão pelo peitoral vagarosamente, fazendo a trilha da divisão muscular. Enquanto caminhava em minha direção, a ajeitar o volume sob a cueca, eu o observei

reposicionar a correntinha de ouro com o minúsculo crucifixo, e então parar à minha frente, tornando a ajeitar o elástico como se o fizesse de propósito, apenas para me deixar mais nervosa.

Sem dúvida estava excitado, e a cada movimento de seu tórax, eu sentia arrepios subir pelo meu.

Quando a sombra dele se moveu caindo sobre mim, sorri sem jeito e ele fez uma pequena pausa, dizendo que havia algo que não podíamos esquecer. Eu o indaguei sobre a quê se referia, e se reclinando a remexer as roupas, ele tomou a carteira e as exibiu.

— Isto aqui — disse e balançou no ar os dois envelopinhos escuros. Ele virou-se rapidamente, mirou a cama e os jogou, acertando o centro do colchão. Sua respiração ofegante destacava o vai e vem do peitoral, e a silhueta na cueca estava cada vez mais inchada.

Danilo explica...

Tudo era estímulo visual. Este é o segredo para fazer um paraplégico atingir o orgasmo. Estudar o assunto na faculdade nunca me fizera imaginar que seria necessário um dia, ainda mais para colocar em prática com uma das minhas pacientes.

Como Nick não sentia a sensibilidade da região genital, toda a excitação ficaria por conta dos estímulos visuais. Eu precisava ter o cuidado de prepará-la o tempo todo com imagens sugestivas como a das camisinhas, e convidativas, como as da massagem no meu membro e peitoral. Seu cérebro precisava fazê-la compreender a situação diante da qual se encontrava, fazer com que o corpo reagisse, compreendesse que precisava trabalhar para liberar os hormônios necessários ao ato.

Isto tudo sem dúvidas exigia um autocontrole e boa desenvoltura. Uma garota “saudável”, contava com o estímulo do clitóris para intensificar o prazer visual e ocasionar o orgasmo, mas para uma garota paraplégica, que não contava com aquela sensibilidade, o prazer mental deveria ser priorizado, já que o orgasmo aconteceria primeiramente na mente e depois no corpo.

Portanto, o que faríamos não podia ser obtido de forma apressada como numa rapidinha. Fazer sexo com Nick deveria ser uma construção desde o primeiro toque, até perceber que estava quase lá, e só então deixar-se aliviar em

dupla. Por isso respirei fundo e me inclinei a seu ouvido, tocando-a docemente com os lábios. Por isso tomei suas mãos e cedi a ela a oportunidade de explorar meu corpo, cada curva de seu objeto de desejo. Por isso, e unicamente por isso, umedecei os lábios e murmurei: *“Se quiser, pode me tocar”*.

Nick conta...

Ofeguei.

Meus olhos deslizavam de seu pescoço para o peitoral, então do peitoral para a curva na cueca estufada, e dela para as roupas jogadas sobre a mesinha de centro.

Minhas mãos tremiam, ele respirava ofegante e eu podia perceber o trincado de seu tórax movendo-se como o encaixar e desencaixar das peças de um quebra-cabeça.

Eu precisava atender aquele pedido com urgência, eu precisava atendê-lo agora.

Ergui minhas mãos em direção aos seus ombros a fim de acariciá-lo, e trêmulo, ele ofegou erguendo-se. Senti meus dedos tocá-lo pelo peitoral, apreciando a trilha quente da divisão até a curva de seu umbigo, volteando cada gominho do tórax trincado.

Eu estava tão nervosa, que ao alcançar o elástico no quadril, levei algum tempo até decidir-me por sentir a elevação, e quando enfim o fiz deslizando o dedo por sobre ela, ele afastou-se um passo, deixando-me pensar que havia feito algo de errado.

— O que houve?

Gaguejei e Danilo nada explicou, apenas deu de costas para mim, e continuou a ofegar. Eu observei suas costas, estava ofegante e busquei restaurar minha confiança.

Erguendo a mão novamente, pus-me a acariciar sua pele perfeitinha. Ele ergueu os olhos para o teto quando fiz a trilha ao centro de suas costas, buscando novamente seu elástico. Mantendo os olhos fechados, deixava-me desbravar a perfeita ondulação que era sua bunda, a beleza dos dois montes endurecidos, à altura dos meus olhos.

Ele permanecia o tempo todo silencioso, apreciando minha curiosidade com ofegação, e eu, ainda insegura, voltava ao contorno do elástico, tomando

confiança para penetrar meus dedos levemente entre a lycra e a pele macia.

Após alguns instantes, tomei liberdade e respirei vacilante enfim forçando o tecido para baixo, levemente, revelando a marquinha de sol, expondo suas nádegas, as duas belas formas circulares e róseas.

Meu instrutor de hidroterapia era lindo, estava sendo despido por minhas mãos, silencioso a olhar para o alto como uma estátua grega. Nu, sentia a peça íntima deslizar vagorosamente pelas pernas, e umedecendo os lábios, auxiliou-me, descalçando a peça.

Danilo conta...

Eu engoli em seco, sentindo a verdade daquele frescor. Estava completamente desnudo frente a uma paciente, sentindo o ar condicionado acariciar-me, enquanto a cueca embolava por entre meus tornozelos. Num movimento vacilante, saí de dentro dela, chutando o tecido para um lado do tapete e voltei a ficar imóvel, apreciando a curiosidade de suas mãos.

Às costas Nick permanecia silenciosa, seus dedos acariciando vagorosamente a saliência dos meus quadris. Ainda com a bunda virada para ela, toquei seus dedos vacilantes e transmiti-lhe confiança, puxando-a para mais próximo, deslizando-os mansamente pelos contornos da pele até minha virilha. Estavam frios, e eu os guiava enquanto sentia seu resfolegar na minha curva lombar, deslizando-os para que apreciasse a aspereza dos meus pelos aparados naquela tarde.

Meu pau mantinha-se ereto, era impossível controlar a pulsação. Balançava avermelhado diante de mim. Ele estava quente, muito quente e duro, e o mapa de veias havia sido preenchido por sangue, deixando-o completamente em evidência.

Na fissura da glândula rosada, uma pequena pérola de gozo cintilava aumentando de tamanho a cada toque. Ela havia começado a se formar no momento em que deixei o frigobar, mas fora sugada pela cueca, porém agora, com o membro exposto, pudera outra vez ser expelida e crescia belamente.

Era grande, a cabeça do meu membro, maior que a base. Apontava para mim, indicando o umbigo, latejando conforme eu respirava ofegante. Entre as pernas meus testículos pendiam livremente, soltos em um cacho moreno, duas bolas grandes, para onde conduzi suas mãos.

O que eu sabia naquele momento era que precisava dela ali, não somente de suas mãos massageando meus testículos, mas também de sua boca. Eu precisava que a pequena gota de gozo na ponta do meu membro fosse sugada docemente por sua boca, antes que se desfizesse pela extensão. Precisava que Nicole Sabrina me acolhesse à sua língua, desse-me o prazer de ser chupado, provado. Então, sem enrolar, me virei aflito engolindo em seco, e fixei seus olhos trêmulos, ainda vacilantes:

— *Vem aqui* — Toquei meus dedos em seus lábios e me aproximei, sentindo a respiração quente que saía por suas narinas — *Aproxima a boca e chupa.*

Nick conta...

Eu o acolhi. O membro duro e quente deslizou por minha língua, numa trilha reta rumo ao fundo da cavidade, espalhando um doce sabor. Fechei os lábios ao redor da silhueta e suguei, sentindo a pequena gota de pré-gozo se desfazendo em minha saliva, e a maciez da cabeça inchada quando a lambi. Foi a sensação mais louca que já desencadeara em meu interior. Sensação de sentir o membro de um homem entre meus lábios, seu sabor.

Tocando suas pernas senti que estavam quentes, fiquei a acariciá-las até ele tomar minhas mãos e conduzi-las à extensão, só então pude sentir o quão perfeita era, quando Danilo fez-me masturbá-lo um instante sem tirar da boca.

Ele tinha veias inchadas por toda base, que chegavam a saltitar. Ele parecia rendido à sensação da minha língua, e eu, de mau jeito na cadeira, mantinha-me inclinada sugando o volume, explorando as curvinhas, centímetro a centímetro, da cabeça à base, até cuspi-la.

Minha língua tremia quando o volteava, desfazendo e espalhando seu pré-gozo. Meu nariz inalava o odor de seus pentelhos aparados, e seu tórax movia-se no ritmo da respiração.

Eu o tocava com os dedos, acariciando seus testículos, deliciando-me com a temperatura daquela pele bronzeada. Eu queria enfiá-lo por completo na boca, e para isso precisei inclinar-me um pouquinho mais, o que Danilo, percebendo, facilitou. Um passo extra rumo à cadeira de rodas fez o pau entrar mais fundo, e me segurando pelo queixo para que eu não engasgasse, Danilo começou a bombar vagarosamente.

Eu esticava a língua para senti-lo deslizando por ela, focava seus olhos

encarando os meus, e ele acariciava meus lábios, até que me afastando um instante, retirou minha blusinha, voltando em seguida a dar-me de mamar.

Danilo conta...

Meu pau pulsava e eu me sentia tonto ao vê-la babando nele, como se estivesse realmente delicioso. Será que ela estava gostando do sabor da minha ereção? Será que enfim estava satisfeita?

Nick tinha os seios branquelos e medianos. Seus mamilos eram rosadinhos, e ao ver aqueles biquinhos circulares apontados em minha direção, engoli em seco e ajudei-a a livrar-se do sutiã, ajoelhando-me à sua frente, para conseguir alcançá-los. Ela tomou minhas mãos e sorriu, conduzindo-me ao seu corpo, e quando a toquei, revirou os olhos e deixou-me aproveitar do momento.

Massageei as duas curvas circulares por um momento, então aproximei os lábios, eram irresistíveis. Eu sugava seus mamilos com delicadeza, um e outro, dando leves mordiscadas da pontinha. Aquelas pontinhas arranhavam minha língua, e eu as lambia, de baixo para cima, de cima para baixo, em movimentos circulares, ouvindo-a gemer enquanto minhas mãos passeavam por suas pernas.

Excitado com tudo, e vendo que ela também estava, me posicionei melhor e procurei seus tênis, desfazendo os laçinhos dos cadarços, removendo-os, deixando-a só de meias. Em seguida deslizei minhas mãos por suas coxas, procurando o botão do short jeans, acariciando-lhe mesmo sabendo que nada podia sentir. Persistia em mordiscá-la novamente, chupá-la, fazendo pressão nos mamilos, e só então me afastei, abrindo seu zíper até a metade, observando seu rosto avermelhado.

Ela trocou olhares comigo.

— Você gostou disto? — questionei e sem palavras suspirou, fazendo-me erguê-la, satisfeito. — Então vem cá — eu disse ajeitando-a em meus braços, como sempre fazia nas sessões de hidroterapia — Vou levá-la para a cama.

Nick conta...

Ele içou meu corpo e eu me senti ofegar. Nossos corpos desnudos contrastavam como tantas vezes dentro da água, e a correntinha sobre seu peitoral parecia reluzir como nunca antes.

Embora houvesse desfeito o botão do meu short e puxado o zíper antes de me erguer, infelizmente Danilo não conseguira removê-lo por causa da cadeira, mas agora, deitando-me cuidadosamente na cama, a situação tornava-se completamente diferente, já que o espaço era bem maior e espaçoso.

Ele olhou-me fixamente por alguns segundos do local onde estava, e então subiu para mais junto de mim, tocando as laterais do jeans, fazendo-o ceder. Queria sentir aquilo, mas apenas observei a calcinha sendo exposta, e então, tocando-a, o observei puxa-la pelas laterais, junto ao shortinho. Senti um calafrio, embora a sensibilidade das pernas me faltasse. Pela primeira vez estava nua na frente de um homem.

Danilo conta...

Quando me liberei da calcinha e pude apreciar sua intimidade pela primeira vez, percebi que mesmo querendo negar, a fantasia de ficar com uma paciente me atraía. Nos olhos da garota, havia a mesma admiração que eu encontrava nas demais do colégio, e ao tocá-la delicadamente, senti que sua umidade molhara meus dedos. Não era intensa como apropriado para a penetração, mas fiquei feliz em saber que os estímulos visuais estavam dando certo, então resolvi tentar algo mais, e umedecendo meus lábios, me reposicionai.

Nick engoliu em seco atenta a meus movimentos. Tomando suas pernas, eu as abri levemente e me pus entre elas, aproximando o rosto de sua cavidade. Fitei seus olhos em silêncio, ela nada dizia, então me inclinei, colocando a língua para fora, alcançando sua intimidade.

Nick nada sentiu. Eu queria que ela sentisse os movimentos que fazia por seus pequenos lábios, ou agora, em seu clitóris molhado. Não havia reações ali, dei-lhe uma lambida, olhei para ela e passei a explorar seu ponto prazeroso com os olhos fechados.

Enquanto eu deslizava minha língua pelo canal, indo e vindo, deslizava minhas mãos por seu abdômen, volteando seu umbigo, e ao menos ali eu pude perceber que havia reações, ela ficava arrepiada. Então abri suas pernas um pouco mais, minha saliva escorria, e com o caminho livre para que ela observasse minha brincadeira, dediquei-me a apreciá-la um pouco mais.

Nick conta...

Céus... o que ele estava fazendo?

Eu apenas observava Danilo explorando a região, tocando-a com cuidado, parecendo pesquisar uma forma de fazer-me sentir o prazer conferido por sua língua. Embora eu não sentisse sensibilidade vaginal, imaginava que a língua de Danilo estivesse quente e macia, molhada como uma gelatina, enquanto volteava as curvas do meu clitóris.

Minha maior excitação, no entanto, era ver seu membro pulsando rijo entre as pernas, as veias em seu pescoço bastante evidentes, e ele, salivando, a umedecer a região que tanto lhe atraía.

Eu desejava com todas as forças poder sentir aquilo, poder compreender os movimentos, a sensação do seu toque, mas o meu corpo não permitia. No entanto mantive-me a ofegar, massageando meus seios, olhando fixamente para o pau dele. Então engoli em seco:

— O que você está fazendo aí?

Ele sorriu, afastando os lábios molhados.

— Preparando você.

Senti meu coração acelerar, e ele ergueu-se deixando a cama, caminhando completamente nu para a outra lateral. Fixando o criado mudo, curvou-se ante a ele e pôs-se a remexer a gavetinha, tirando de dentro dela um mediano frasco azulado. Eu exclamei:

— O que é isto?

— Gel lubrificante — explicou voltando a mim — Não quero que fique machucada quando eu penetrar — respondeu trazendo-o até a proximidade do meu mamilo, onde abriu a tampa, e com leve pressão, apertou a superfície deixando derramar uma pequena quantidade que me fez arrepiar.

— Céus...

— O que houve? Não gostou da sensação?

Questionou e eu deslizei meus dedos sobre a substância, espalhando-a na região. Era gelatinosa, fria, e me fazia sentir os mamilos mais sensíveis.

— Sim. É gosmento.

Expliquei e ele sorriu, aproximando-se mais, a derramar um pouco também no mamilo vizinho, observando-me fechar os olhos para apreciar a massagem.

Eu o senti tomar o biquinho, massageá-lo em sentido circular para por fim pressionar até arder. Eu gemi:

— Ai.

— O que houve? Não gostou disto?

— Sim — gaguejei sem ar, voltando a fixá-lo — Faz de novo.

E ele fez. Eu fechei os olhos e o senti massagear meus seios endurecidos, e pressionar lentamente a pontinha, o que me fez morder os lábios.

Suas mãos macias em contato com o gel estavam perfeitas. Ele subia espalhando-o até meu pescoço, voltando a clavícula e então retornava, me lambuzando completamente, até o umbigo. Eu mantinha os olhos fechados, apreciando a delicadeza daquele gesto, e sentia uma deliciosa lufada de ar quente bem próxima à região da minha boca. Quando abri os olhos para saber o que era sensação tão agradável, uma descarga elétrica dominou toda a região molhada, e observando seus dedos movendo-se pela cavidade, voltei a erguer os olhos e engoli em seco.

Por um centímetro, por um mísero centímetro ele não me beijou. Trêmula, engoli em seco e observei Danilo afastar-se da cama com um sorriso e pegar um dos envelopes de camisinha, colocando-o junto ao tubinho de gel. Então ele tornou a subir para o colchão, ajeitou-se na posição em que estava inicialmente, e pediu que o auxiliasse, segurando minhas pernas.

Eu respirava fundo quando as toquei, puxando-as para manter abertas para ele. Estava trêmula, observando-o ajeitar-se entre elas, e então seu corpo veio para mais próximo, sua cintura, sua ereção. Danilo tomou o envelope de preservativo, rasgou com o cantinho da boca e ajeitou-se para que eu pudesse assistir o que fazia. Após masturbar o pau, apoiou a superfície circular sobre a cabeça, pressionou a pontinha, e engolindo em seco, deslizou o encapamento até o fim da base.

Não demorou muito e estava entrando em mim, procurando uma melhor posição para se encaixar, e quando a achou, me fez ofegar sentindo seu peso sobre meu corpo.

Danilo conta...

Pressionei as coxas de Nick ao meu redor, lamentando-me por ela não sentir a sensação do meu invadir. Desde que eu começara a massageá-la com saliva, seu caminho já respondia aos estímulos sem muita resistência, e agora, com gel para lubrificar, a extensão fora acolhida sem dificuldades, rompendo sua virgindade.

Eu respirava ofegante porque a sensação da pressão era algo completamente delicioso, e por meu pau ser grosso, era acolhido num encaixe perfeito, em sua completa extensão.

Ajeite-me melhor. Sua bunda era muito macia, e eu a sentia enquanto me posicionava. Era gostoso sentir nossa união, mas eu não podia ser egoísta e perder o controle, também precisava satisfazê-la.

Exibindo um sorriso de alívio por estar completamente fincado, deixei que largasse os joelhos e descansasse os braços. Ajeitei suas pernas ao redor do meu quadril, e procurando não deixá-la desconfortável, me inclinei por sobre o seu corpo, deixando meu tórax cobri-la, e meu rosto ficar próximo à sua face.

Nick engolia em seco, os braços trêmulos acariciando meu pescoço, e o canal completamente encaixado em meu membro. Minhas mãos acariciavam suas curvas e ajeitavam suas coxas com cuidado, puxando-as um pouco mais para mim, foi quando tomei coragem, e comecei a me mover devagarinho.

Entra e sai. Uma pequena pausa para saber se estava tudo bem, e após fitar seu rosto, voltei a movimentar. *Entra e sai.* As mãos deslizavam por meus braços, delicadamente, apoiando-se firmemente a eles. *Entra e sai.* Engoli em seco, observando sua boca, o ar quente que escapava dela, varrendo minha face. *Entra e sai.* Ajeitei suas nádegas que escorregavam, movendo-me sem pressa, sem perder o controle. *Entra e sai.* Umedecendo os lábios, sentia meu pré-goço escorrendo deliciosamente, a respiração vacilante. *Entra e sai.* Forçando-a um pouquinho mais a fiz gemer, então gaguejei:

— *Oh Nick. Isto é tão bom.* — Sussurrei confidente ao seu ouvido;

— *Sim Dan, bastante.* — ela retrucou, mantendo-se firme a me sentir.

— *Você tem noção do quanto é gostosa? Alguém já te falou isso?* — ofeguei ao seu pescoço, sentindo-a arrepiada — Queria tanto que pudesse sentir o motivo, queria tanto acelerar em você.

Ela sorriu calidamente, acariciando minhas têmporas.

— *E por que não faz Danilo? Por que não acelera?*

Meu coração comprimiu e fitei novamente seu olhar. Senti meu pau latejar, e então, sem que ela esperasse, afastei uma mecha de cabelos que grudava em sua testa, acariciei seus lábios, e inclinandome, eu a beijei.

Nick conta...

Quando os lábios de Danilo tocaram os meus, simplesmente travei. Aquilo era real? Danilo, meu instrutor de hidroterapia estava mesmo a me beijar?

Um arrepio percorreu meu corpo diante daquela constatação, e a pressão sobre meu tórax me fez perder a respiração. Ele estava acelerando, e de olhos fechados, abracei seu pescoço e rendi-me a sua boca, sentindo sua língua deslizando junto a minha, alucinada por aquela conjunção carnal.

Excitado, ele procurava minha língua de forma aflita e tremula enquanto movia os quadris, e enquanto a entregava, ouvia o ranger das molas junto à música, nossos corpos afundando no colchão macio.

Eu estava nas nuvens sentindo seu toque, não conseguia parar de gemer enquanto o beijava, e minhas mãos tremiam tocando sua face, acariciando-o, conduzindo-o pelo meu corpo, por minha alma.

Danilo estava arfante, movendo-se mais rápido, e meus pensamentos agitados só conseguiam focar na maravilha daqueles lábios. Parecia que minha alma unia-se a dele por aquele beijo, que meu corpo mergulhava dentro do seu, e o sangue passava agitado despertando cada pequena ligação nervosa da minha pele, sua língua enroscando à minha.

Eu não sentia, mas sabia que enfiava com força, e começou a fincar mais rápido, mais rápido, sem desistir. Eu já não conseguia me controlar, deixei que soltasse meus lábios, pois não conseguíamos respirar. Encaixando o rosto novamente à curva do meu pescoço, ele retrucou que estava quase lá, quase lá, e então fincou mais fundo, gemendo intensamente, imobilizando minhas coxas ao redor de si, ele gozou.

Danilo conta...

Eu esguichei. Era algo do outro mundo e eu não sabia o quanto Nick estava envolvida àquela conexão, mas sua respiração misturava-se à minha e ela havia revirado os olhos no momento em que gozei, parecendo entrar num transe particular ao sentir os jatos saírem.

O fato é que meu jorro saía em jatos tão intensos, como se uma cachoeira de esperma estivesse explodindo do meu interior, e ainda grudado a ela, eu tremia, sentindo a camisinha encher, afogando todo o meu pau, no ápice do desejo carnal.

Ela perdera as forças e parecia inebriada. Estava com um sorriso

abobalhado, e remexendo-me um pouco, senti a sensação quente descolando nossos tórax, então voltei a fitar seu rosto.

— Ei... você está bem?

Ela engoliu em seco, não conseguia falar, e ao descolar nossas intimidades, observei a cintilância molhando o colchão. Olhei novamente para ela, e esbocei um largo sorriso.

— Ei, você sentiu isso? — ela olhou para mim, então buscou pelo fôlego — Você também gozou, olha. Você também gozou.

Nick conta...

Melhor não poderia ter sido. Eu não saberia explicar a sensação daquele momento. Não saberia explicar o que havia sentido quando Danilo me beijou, quando ele me abraçou, quando ele transmitiu a confiança que me faltava e tão pouco quando acelerou. O fato é que toda a ebulição maluca que explodira dentro de mim, me conduziu ao céu, e eu pude ver os anjos. Mas agora, de voltava a terra, estava embaçada ao reparar no quanto estava molhada, completamente umedecida com o líquido que escorria para os lençóis.

Como fora possível? Eu tivera um orgasmo?

Ambos sorriamos sem saber o que falar. Ele parecia estar muito satisfeito caindo ao meu lado, e vez por outra ficava a encarar meu sorriso, enquanto me ouvia exclamar sobre a surpresa de estar tão umedecida.

Eu havia tido um orgasmo. Céus. Pela primeira vez. Eu havia gozado.

Eu só queria apreciar aquela sensação por um momento mais, aquela textura, aquele sonho. Eu só queria guardar na memória aquela experiência. A memória dele, de seu corpo nu, da trama e do beijo. Danilo nunca poderia imaginar o bem que me fizera naquela noite, ele nunca poderia imaginar o bem que me fizera naquele lugar, mesmo que quisesse.

E p í l o g o

Danilo

O instituto nunca parecera mais agradável. Ele trilhava pelos corredores observando os alunos especiais, e sentia uma incrível vitalidade dentro do peito. Por um momento pouco se importou com o que a direção pensaria se descobrisse, até que avistou Daniele se aproximando como fazia diariamente. Nervoso, tentou entrar na sala dos professores, se esquivar, mas um docente saía naquele momento, impedindo-lhe o acesso. Então ouviu sua voz ecoar:

— Ei, Dan! — Ela se aproximou, e ele sentiu os braços envolverem seu corpo, então se afastou — Como foi o fim de semana? Você parecia tão ruim ao sair daqui, me deixou preocupada — Daniele exclamou esboçando um sorriso, convidando-o a acompanhá-la.

— O fim de semana? Ah, sim, fiquei em casa, fazendo pilhas e mais pilhas de trabalho — umedeceu os lábios — E você? — questionou por educação.

— Igualmente. — ela sorriu acompanhando-o, observando o movimento ao redor — Tenho um TCC para entregar até o fim do semestre, lembra? Estou pensando em pedir a ajuda de alguém, não estou conseguindo desenvolvê-lo de forma adequada.

Ele não ouviu direito o que falava, os pensamentos estavam distantes. Foi quando diante da porta de sua sala ela exclamou:

— Mas e a Nick? Você já ficou sabendo?

Diante do nome, a atenção de Danilo voltou a ela, parando ao seu lado.

— A Nick? Sabendo, o quê? — tentou disfarçar a curiosidade.

— Ora Dan. Que ela vai embora.

De repente foi como se um baque acertasse o peito.

— Que ela vai embora? — Danilo a fitou — Como assim?

— A garota foi transferida — disse sorridente convidando-o a entrar — A diretora me informou a pouco, quando estávamos revisando a lista dos atendimentos para esta tarde.

— Mas... Mas... — ele gaguejou, não conseguia assimilar — Mas foi transferida, do nada? — acomodando a mochila ao lado da cadeira, sentou-se à

sua frente.

— Sim. Parece que o pai foi transferido de trabalho. Um novo emprego no Rio de Janeiro.

— O pai dela? — Danilo sentiu o coração apertar, lembrando-se do senhor gentil à porta do prédio.

— Sim. A diretora ficou de enviar o histórico esta tarde. Tenho que concluir minhas avaliações e entregar-lhe até o almoço. Logo ela deve solicitar as suas também.

— Entendo — De repente foi estranho, como se nada fizesse sentido. Aquilo sempre fora o que desejara, que a garota sumisse, mas agora, já não sabia o que pensar.

— Pois é. — Daniele sorriu sem jeito, abrindo a garrafinha de café, reparando em sua feição — Mas, veja pelo lado positivo, não precisaremos aguentar o mau humor dela de agora em diante — Tornou a sorrir oferecendo-lhe uma xícara, mas ele recusou.

— Nicole não era de um todo mal humorada — esclareceu, olhando para as mãos — *Digo*. Era só uma garota confusa. Complexada com o corpo e os sentimentos.

Daniele retirou os óculos, e os apoiou sobre a mesa.

— Às vezes esqueço que vocês tinham um bom relacionamento — ela o olhou fixamente, enquanto levava a xicarazinha aos lábios. Danilo sentiu-se estranho.

— É, até que tínhamos. — Respondeu.

— Ei — ela exclamou o observando tomar a mochila após alguns instantes — Você já vai?

— Preciso me apressar Dani, perdão. — Respondeu olhando para a xicarazinha que colocava sobre a mesa — tenho que me preparar, daqui a pouco os primeiros alunos começam a chegar.

— Ah. Que pena — ela retrucou erguendo-se — Então, nos vemos no almoço — Fez a volta ao redor da poltrona, e o acompanhou.

Na porta, despedindo-se com um beijinho na bochecha, Danilo ajeitou a mochila e seguiu pensativo rumo à curva adiante. Ela ficou ali, parada até vê-lo sumir.

Trilhando o corredor movimentado, em direção ao ginásio, o instrutor sentia o coração bastante estranho, apertado, como se de repente o dia houvesse fechado. Estava lembrando-se da garota paraplégica, da notícia que acabara de

receber, de suas ousadias, daquela noite.

Parando frente à porta do vestiário, respirou fundo olhando um momento para a região das piscinas, então ofegou, precisava tirar aquilo da cabeça.

Não enrolando mais, Danilo entrou e seguiu diretamente para os armários. Estava sozinho enquanto remexia os objetos em busca de sua chave. Abriu a portinha amassada, guardou a mochila lá dentro, e enquanto ajeitava a toalha ao redor do pescoço, virou-se um instante ouvindo um som de rodas aproximando-se às costas. Ao erguer os olhos, encontrou-se uma vez mais diante dela, e exibindo um sorrisinho inconfundível, se aproximou.

— Nick? — Ele murmurou olhando apreensivo para a porta recostada — O que faz aqui? Eu pensei que...

— Que eu iria embora sem me despedir instrutor?

— Bem — ficou corado, ajoelhando-se à altura de seu rosto — Não pensei que tinha dito “mudar de colégio” literalmente — sorriu.

— Pois é. Meu pai recebeu uma proposta melhor no Rio de Janeiro. Iria me contar naquela noite.

— Isto é bom — Danilo sorriu pressionando seus joelhos — No Rio você terá melhores oportunidades.

— Duvido que melhores que as que tive aqui.

Eles se fitaram um momento mais, em silêncio, e então, arriscando serem pegos, Dan olhou para a porta, e erguendo-se, beijou-lhe a testa.

— Espero que se lembre de mim com carinho.

Nick o fitou por um momento, sentindo uma deliciosa sensação no peito pelo gesto nobre. Por fim retrucou:

— Pode apostar que jamais me esquecerei instrutor. Pode apostar que não.

Outros livros do autor
Disponíveis na [amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Todos os direitos reservados a *A P Wilson*. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização escrita do autor.

Esta é uma obra de ficção. Os fatos aqui narrados são produto da imaginação. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais, fatos ou situações da vida real deve ser considerado mera coincidência.

Imagem da Capa: Portfólio Shutterstock.